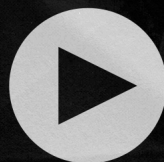
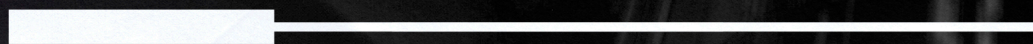


Mariana Pessoa da Silva



MAD WOMAN

O Feminismo Pop de Taylor Swift



*Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo
São Paulo
2020*

MARIANA PESSOA DA SILVA

MAD WOMAN: O Feminismo Pop de Taylor Swift

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Alves de Carvalho

SÃO PAULO

2020

MARIANA PESSOA DA SILVA

MAD WOMAN: O Feminismo Pop de Taylor Swift

Aprovado em: 10 /12/2020

Banca:

Nome: Simone Carvalho

Instituição: Universidade de São Paulo

Nome: Ana Letícia Zoomer

Instituição: Universidade de São Paulo

Nome: Renata Gomes

Instituição: Universidade Paulista

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo, por ser um espaço de aprendizados que vão além da formação acadêmica. À Escola de Comunicações e Artes, por ter se tornado um sonho realizado durante a jornada da graduação e da extensão e a todo seu corpo docente.

Agradeço à Prof. Dra. Simone Alves de Carvalho pela orientação e interesse durante a elaboração desse trabalho. À Prof. Dra. Margarida Kunsch, com quem tive a honra de contribuir em um projeto de pesquisa.

Sou grata aos meus pais, pelo apoio moral, financeiro e dedicação para com a minha educação e a todos da minha família que torcem por mim.

Aos meus amigos do querido terceiro A, por acompanharem o meu crescimento e estarem sempre por perto. Ao Jonathan, por ter me ajudado a chegar até aqui. Ao Gabriel e ao Franchesco, pelas incontáveis caronas, paciência e boas conversas no trajeto Barueri - Cidade Universitária.

Ao projeto Rosa dos Ventos, por ter me acolhido no primeiro ano da graduação e me mostrado a beleza do Turismo Social, e aos queridos rosades. Ao Projeto Redigir, por me dar a oportunidade de viver a metodologia de Paulo Freire na prática, me mostrar que é possível fazer um trabalho com propósito mesmo com poucos recursos, por todas as transformações que gerou em mim e pelas boas amizades que fiz lá. À ECA Jr., por ser uma incrível e única experiência de trabalho. À Gestão 17-18, pelos aprendizados e memórias inesquecíveis, dentro e fora da Salinha 2.

Às amigas maravilhosas que fiz durante essa jornada, obrigada por me inspirarem e pelo apoio incondicional: Luiza Cintra, Catarina Moreto, Beatriz Aquino, Fer Freitas, Lau Gomes, Karin Yuri, Haline Floriano. Obrigada também às amigadas inesperadas que aquecem meu coração: Felipe Biondi, Guilherme Vargas e Giovanni Pires. À Carolina Carmona, Larissa Genaro e Marília Di Lella por formarem a melhor casinha de São Paulo.

Muito obrigada.

Algumas pessoas perguntam: 'Por que a palavra feminista? Por que não só dizer que você acredita nos direitos humanos ou algo assim?' Porque isso seria um jeito de fingir que não são as mulheres que têm, por séculos, sido excluídas. Isso seria uma forma de negar que os problemas de gênero afetam as mulheres.

ADICHIE, 2017

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a influência do feminismo na trajetória de Taylor Swift, cantora mundialmente reconhecida. A celebridade se reinventou ao longo de sua carreira, fazendo a transição entre os gêneros musicais *country* e *pop*. Taylor ingressou na carreira artística muito jovem, de modo que importantes transformações em sua vida pessoal e profissional, foram acompanhadas pelo público, dentre essas o engajamento com pautas feministas. Para essa análise, foi feito um estudo teórico sobre a cultura das celebridades, o movimento feminista e sobre a carreira de Taylor, com base no documentário *Miss Americana*, lançado pela *Netflix*. Assim, é possível compreender como ela incorporou o feminismo em seus trabalhos artísticos e declarações.

Palavras-chave: Taylor Swift. Feminismo. Entretenimento. Celebidades.

ABSTRACT

This work's objective is to analyze the influence of feminism to the trajectory of Taylor Swift, a world-renowned singer, who reinvented herself throughout her career, making the transition between the country and pop music genres, and who went through important moments in her personal and professional life, that led her to engage with feminist agendas. For this analysis, a theoretical study was made on the culture of celebrities, the feminist movement and on Taylor's career, based on the documentary *Miss Americana*, released by Netflix. Thus, it is possible to understand how she incorporated feminism in her artistic work and statements.

Keywords: Taylor Swift. Feminism. Entertainment. Celebrities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da US Weekly com o casal Taylor Swift e Jake Gyllenhaal (2010)	20
Figura 2 - Capa da Revista Star com “primeira entrevista de Beyoncé pós-gravidez” (2012)	20
Figura 3 - Grupo Taylor Swift Brasil no Facebook.....	21
Figura 4 - Apresentação de Beyoncé no VMA (2014)	34
Figura 5 - Taylor no vídeo de Love Story (2009).....	38
Figura 6 - Taylor Swift sendo mencionada como “ex de Joe Jonas”, em uma matéria que tratava de seus interesses amorosos, em 2008.....	39
Figura 7 - Capa da Revista People menciona ex-namorados Joe Jonas, Taylor Launtner e John Mayer, em 2010.....	39
Figura 8 - Capa da Marie Claire sobre “vingança, se apaixonar e superar Gaga em vendas”, em 2012.....	39
Figura 9 - Capa da US Weekly especulando sobre a relação de Taylor e Tom Hiddleston, com um suposto pedido de casamento a ser feito após um mês de namoro, em 2016.....	40
Figura 10 - Capa da US Weekly anunciando o término de Taylor e Tom Hiddleston, alegando que a rapidez da relação causou sua implosão, em 2016.....	40
Figura 11 - Kanye West interrompe Taylor Swift no VMA 2009.....	42
Figura 12 - Bad Blood, música inspirada na rivalidade com Katy Perry (2015)	45
Figura 13 - No clip de “Famous”, Taylor é representada nua ao lado de Kanye e Kim (2016)	46
Figura 14 - Como Taylor Swift pagou de vítima por uma década e construiu toda sua carreira, matéria feita pelo BuzzFeed EUA (2017).....	47
Figura 15 - #TaylorSwiftIsOverParty (2016).....	47
Figura 16 - Taylor Swift na Time como uma das Pessoas do Ano (2017).....	49
Figura 17 - Matéria na BBC elenca pontos que destacam a significância do caso de Taylor (2017)	51
Figura 18 - Matéria no jornal The New York Times: “Taylor Swift falou. Sobreviventes de abuso sexual estavam ouvindo” (2017).....	51
Figura 19 - Post de Taylor em oposição a Marsha Blackburn e em apoio às eleições (2018)	53
Figura 20 - Em “The Man”, de 2020, Taylor critica a leitura da mídia sobre mulheres. A pergunta “Qual homem ganhou o ano por namorar celebridades?” estampa a manchete do jornal.....	55
Figura 21 - A parede faz menção a todos os seus álbuns e proíbe patinetes - um trocadilho com o nome de Braun, pois patinete se escreve “Scooter” em inglês.....	55
Figura 22 - A explosão de Serena Williams na final do US Open 2018 foi inspiração para abordar a leitura que é feita de mulheres que não se comportam como o esperado.....	55
Figura 23 - Mais uma referência ao caso com Scooter Braun, lembrando que agora todos os seus trabalhos serão de sua propriedade.....	56
Figura 24 - Capa do documentário das Dixie Chicks, inspiração do figurino de Taylor no AMA's	56
Figura 25 - Apresentação de Artista da Década no AMAs 2019.....	57
Figura 26 - Carta aberta ao senador Lamar Alexander pedindo apoio à Lei da Equidade (2019).....	58

Figura 27 - Taylor se posiciona sobre monumentos racistas no Tennessee (2020)	60
Figura 28 - Taylor se posicionou quanto ao #BlackLivesMatter e frisou a importância das eleições 2020.....	61
Figura 29 - Repost de um vídeo sobre o “Dia da Liberdade”, em que escravos foram emancipados.....	61
Figura 30 - Taylor celebra a chapa Biden-Harris (2020).....	62
Figura 31 - Taylor critica Trump abertamente, quanto sua postura no coronavírus e sua tentativa de desmantelar os correios, que terão um papel importante na eleição devido a pandemia (2020)	63
Figura 32 - Taylor na capa da V Magazine, endossando a candidatura de Joe Biden e apoiando Kamala Harris em sua participação no debate dos vices-presidentes (2020)	63
Figura 33 - Rep Room.....	64

SUMÁRIO

1. <i>READY FOR IT?</i> (está pronto para isso?): INTRODUÇÃO	12
2. <i>ANOTHER NAME GOES UP IN LIGHTS</i> (outro nome está nos holofotes): A CONSTRUÇÃO DE UMA CELEBRIDADE	15
2.1 A cultura da celebridade	15
2.2 Celebridades e relação com as mídias	17
2.3 O relacionamento com o público	19
3. <i>NOTHING LIKE A MAD WOMAN</i> (nada como uma mulher louca): OS FEMINISMOS E O POP	24
3.1 Minorias e Representação	24
3.2 Questão de Gênero	25
3.2.1 Estereótipos de Gênero	28
3.2.2 Sororidade: a união das mulheres	29
3.3 Feminismo e a Mídia	30
3.4 Entretenimento e Ativismo	32
4. <i>THIS IS ME TRYING</i> (essa sou eu tentando): TAYLOR SWIFT E A TRAJETÓRIA ATÉ O FEMINISMO	36
4.1 <i>You're really gonna be someone</i> (você realmente vai ser alguém): A Princesa do Country	36
4.2 <i>It's time now, gotta let go</i> (agora é a hora, preciso deixar ir): A Transição Para o Pop	43
4.3 <i>Reputation</i> (reputação): A Era da Reinvenção	48
4.4 <i>You're my Lover</i> (você é meu amado): ode ao amor	53
4.5 Swifties: A Relação Com os Fãs	64
4.6 <i>Epiphany</i> (epifania): O Desenvolvimento de Taylor	65
5. <i>END GAME</i> (jogada final): CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
6. REFERÊNCIAS	71



**READY
FOR IT?**
Introdução



1. **READY FOR IT? (ESTÁ PRONTO PARA ISSO?): INTRODUÇÃO**

A ascensão de pautas de luta pela igualdade de gêneros na sociedade tem provocado mudanças em diversos segmentos, entre eles, o entretenimento. Dentre essas, o feminismo é um dos movimentos que reverbera em várias esferas, como a academia, a política e a cultura. As pautas feministas têm alcançado cada vez mais mulheres, ao se identificarem com os ideais da causa, elas passam a lutar pelos seus direitos e por equidade.

Para mim, a consciência feminista se fortaleceu durante a graduação. Durante esse período, debates enriquecedores foram promovidos, dentro e fora da sala de aula. Ao longo do curso e das atividades extracurriculares, enxerguei o potencial transformador da comunicação. Como apreciadora da cultura pop e usuária assídua de redes sociais, complemento saberes por meio de livros, músicas, séries, filmes e debates on-line. No Trabalho de Conclusão de Curso, vislumbrei a oportunidade de conhecer mais a fundo as questões teóricas que circundam o feminismo, pelas lentes da comunicação e entender sua relação com um dos segmentos que mais aprecio, o da música.

Para o estudo de caso, escolhi a cantora e compositora Taylor Swift, que acompanho há 12 anos. Além da afinidade e admiração que tenho por ela, sabia que sua trajetória possuía nuances que tornariam a análise interessante, pois ela não se considerava feminista no começo de sua carreira.

Dado que as pautas minoritárias ganharam relevância frente ao grande público, o objetivo geral deste trabalho é analisar as influências do feminismo para a carreira da cantora Taylor Swift, levando em conta a transformação de posicionamentos sobre a questão de gênero e políticos como um todo pela qual ela passou. Como objetivos específicos, pretendo revisar a literatura a cultura da celebridade, percebendo a importância da mídia para as carreiras artísticas e da comunicação como um todo para a conexão com o público. Além disso, almejo estudar sobre a representação de minorias e observar a relação entre o movimento feminista e a indústria do entretenimento. Por fim, o escopo deste estudo prevê a investigação da tendência feminista na trajetória de Taylor.

No primeiro capítulo, “A Construção de uma Celebridade”, iremos mergulhar na cultura da celebridade, na sua relação com a mídia e com o público, públicos de interesse fundamentais para a carreira de um artista.

No segundo capítulo, intitulado “Os feminismos e o Pop”, observaremos relação entre as produções artísticas e a representação de grupos minoritários, o contexto histórico do movimento feminista e sua evolução. Além disso, apresento alguns conceitos referentes ao estudo de caso: estereótipos de gênero e sororidade. Também estão exploradas a relação da mídia com o movimento e manifestações com caráter ativista no mundo do entretenimento.

O terceiro capítulo apresenta uma análise da trajetória da cantora norte-americana Taylor Swift, apontando momentos importantes de sua carreira e vida pessoal, seus trabalhos artísticos, declarações e representações na mídia que exprimem a sua mudança de posicionamento. Demonstrando que antes ela era uma artista que considerada omissa, e se transformou em uma feminista assumida que defende pautas minoritárias e expõe sua visão política.



ANOTHER NAME GOES UP IN LIGHTS

A Construção de uma Celebridade



2. ANOTHER NAME GOES UP IN LIGHTS (OUTRO NOME ESTÁ NOS HOLOFOTES): A CONSTRUÇÃO DE UMA CELEBRIDADE

Celebridades estão presentes constantemente no nosso dia a dia: ouvimos música, assistimos filmes e séries e acompanhamos suas vidas, sabemos sobre elas passiva ou ativamente. Essa relação é mapeada pela mídia que atribui visibilidade a elas. E é promovida pelas próprias celebridades, ao divulgarem seus trabalhos e compartilharem recortes de suas vidas pessoais com o público.

Assim como uma marca, é essencial que um artista saiba se relacionar, conhecendo seu público e sabendo como e quando se posicionar. De aparições públicas a posts nas redes, o desafio é ganhar habilidades muito além dos seus talentos para manter a exposição e a conexão necessária para continuar fazendo sucesso.

Este capítulo aborda o processo de construção de uma celebridade, trazendo apontamentos sobre a cultura, tipos de celebridade e sua interação com a mídia. Também são explorados os públicos de uma artista, que pode se tornar uma pessoa admirada ou odiada, dependendo de sua conduta.

2.1 A cultura da celebridade

No senso comum, celebridades são pessoas que têm fama, são amplamente conhecidas e têm uma presença frequente na vida do público, por meio da arte que produzem, da aparição em programas de televisão ou notícias e assiduidade nas redes sociais.

Para tanto, adotamos um conceito mais abrangente de celebridade (que não a reduz a um pseudoacontecimento): entendemos, de forma quase literal, que “celebridades” são pessoas que – por razões diferenciadas – se tornam amplamente conhecidas e, para além disso, admiradas (ou detestadas), provocam sentimentos de adesão e/ou repulsa, são tomadas como modelos (ou contra-modelos), suscitam formas distintas de celebração. (FRANÇA; SIMÕES, 2020, p. 4).

De acordo com Rojek (2008), o termo “celebridade” surge com o declínio dos deuses e ascensão de governos democráticos e sociedades seculares. A Revolução Francesa rompeu com a tirania e o despotismo, em que apenas pessoas da

monarquia - ou artistas admirados por ela - eram célebres. Embora o governo de Napoleão tenha reinventado posições de linhagem, com ele mesmo adotando o título de imperador, a eliminação de privilégios abriu espaço para que novas formas de distinção surgissem.

Por isso, Rojek (2008) considera que a cultura da celebridade é uma consequência direta da revolta contra a tirania: “com o desenvolvimento da sociedade moderna, as celebridades preencheram a ausência gerada pela decadência da crença popular no direito divino dos reis e a morte de Deus” (ROJEK, 2008, p. 13, tradução nossa).

As celebridades podem influenciar o público, tanto profissionalmente, por meio da música, atuação ou qualquer atividade que exerça, quanto pela intimidade, tornando-se referência a partir da sua vida particular, seus posicionamentos e atitudes. Rojek (2008) ressalta que o impacto no público parece ser espontâneo e natural. Porém, celebridades são fabricações culturais promovidas por agentes, publicitários e fotógrafos, e moldadas por personal trainers, estilistas, entre outros profissionais. É possível destacar também a importância do profissional de Relações Públicas, que traça estratégias de comunicação e media o relacionamento com públicos de interesse do artista.

Existem diferentes maneiras de uma pessoa se tornar uma celebridade no cenário midiático. Rojek (2008) classifica três tipos: o primeiro é a celebridade conferida, que deriva da linhagem, tendo um status predeterminado, como os membros da família real ou Lucas Jagger, que é filho do famoso cantor Mick Jagger. Pessoas que ocupam cargos políticos de evidência também se enquadram nessa categoria, por exemplo, Barack Obama.

O segundo tipo diz respeito a celebridade adquirida, pessoas que se tornam celebridades por suas realizações artísticas, esportivas ou profissionais. Nessa categoria, entram artistas ou até mesmo atletas e empresários bem-sucedidos. Como Beyoncé, Meryl Streep, Serena Williams e Donald Trump, conhecidos por seus talentos ou habilidades.

A terceira forma de se tornar uma celebridade é por meio da exposição midiática: as pessoas estão constantemente sob os holofotes da mídia, chamando a atenção do público. Como a família Kardashian, que exibe sua vida em um reality show. O clã ganhou notoriedade depois de uma das integrantes, Kim, ter uma sex

tape vazada. Meses depois, o programa *Keeping Up With The Kardashians* começou a ser gravado, compartilhando a vida da família.

Essas maneiras de tornar-se uma celebridade não são excludentes e podem se complementar. Uma pessoa que é conhecida por linhagem, pode passar a ter mais visibilidade por suas realizações ou pela constante exposição na mídia, por exemplo. No próximo tópico, essa relação entre mídia e celebridade será explorada.

2.2 Celebidades e relação com as mídias

Simões (2013) destaca que independente da categoria, a construção de uma celebridade é impactada pelo desenvolvimento das mídias.

os diferentes tipos de celebridades são construídos na sociedade midiática e povoam o cenário midiático de visibilidade. As pessoas famosas se tornam onipresentes na vida cotidiana, a partir da circulação de significados que se inicia nos dispositivos midiáticos e permeia as interações ordinárias. (SIMÕES, 2013, p. 110).

Marshall (2006) aponta que a televisão, rádio, revistas, jornais filtram as pessoas que consideramos nossas representantes e as celebridades contam com a mídia para projetar seu poder e voz, enquanto ícones da cultura popular. Deste modo, a mídia de massa tem forte impacto para as celebridades, ao ceder espaço para entrevistas, apresentações musicais, divulgações de novos trabalhos e por meio de premiações que chamam atenção de todo o mundo. Aos artistas, cabe fazer as melhores aparições que puderem, no que diz respeito às suas apresentações.

A mídia tornou-se mais dispersa, instável e dinâmica por meio da tecnologia da vida moderna. Através de computadores e celulares: os indivíduos se tornam mediadores e produtores de conteúdo. Por meio das redes sociais, são criadas métricas de fama, e por consequência, de valor e de reputação. Assim, as celebridades precisam aprender a se posicionar no mundo digital e usá-lo a seu favor.

Para Rojek (2008), há um mercado de sentimentos que marca o surgimento da cultura das celebridades, as quais humanizam o processo de consumo da mercadoria. Elas são mercadorias no sentido em que os consumidores desejam “possuí-la”, ou seja, possuir objetos, livros, qualquer coisa com a marca da celebridade. Essa transformação de celebridades em bens de consumo é impulsionada também pela mídia.

Os produtos consistem na sua própria figura e em demais itens que se desdobram, como músicas, filmes, roupas e o que decidirem desenvolver em torno de si e de seu trabalho. Há uma construção de significados feita em torno da celebridade e ela é associada a atributos positivos para serem lembrados por indivíduos também com fins comerciais:

uma celebridade é um construto midiático e suas estratégias mercadológicas estão a serviço da indústria do entretenimento. Esta não só lucra com a comercialização da imagem das celebridades, mas também com produtos que são vendidos como extensões complementares. Assim, camisetas, diferentes acessórios, material escolar e uma grande variedade de opções são colocadas nas prateleiras das lojas com fotos, ilustrações e grafismos que se remetem às celebridades. A busca também é pela potencialização das margens financeiras em torno do investimento construído: a celebridade. (MATTA, 2012, p. 88).

Considerando a importância da mídia, não basta o artista desenvolver apenas seus talentos e habilidades em sua área de atuação. Apoiado por uma equipe de comunicação, ele precisa aprender a se posicionar e se comunicar, fazendo aparições públicas, coletivas de imprensa, entrevistas, gerenciando mídias digitais e aproveitando demais oportunidades para ganhar visibilidade e credibilidade frente ao público.

Um momento importante para alavancar a carreira das celebridades é o das premiações como *Grammys*, *Billboard Awards*, *American Music Awards* e *MTV Video Music Awards*. O reconhecimento gera credibilidade aos trabalhos e concede maior visibilidade aos artistas, pois também realizam apresentações nas premiações. Atualmente, as pautas de diversidade têm sido um ponto levantado sobre as premiações, que possuem a tendência de privilegiar pessoas brancas e homens. Alguns movimentos têm sido feitos nos últimos anos por artistas, em especial mulheres, para que os prêmios sejam mais justos. Estes serão abordados no terceiro capítulo.

2.3 O relacionamento com o público

Os profissionais de Relações Públicas são responsáveis por gerir relacionamentos entre o público e uma organização. Segundo Kunsch (1986, p. 90), “promovendo e administrando relacionamentos e, muitas vezes, mediando conflitos, valendo-se, para tanto, de estratégias e programas de comunicação de acordo com diferentes situações reais do ambiente social”. Ela destaca ainda que, como área profissional, as relações públicas se aplicam a qualquer tipo de organização.

Por mediar relacionamentos, o Relações Públicas é capaz de conservar a celebridade na mídia, ocupando os meios de comunicação de massa e estreitando o relacionamento com o público. De acordo com Figueiredo e Tuzzo (2011):

O Relações Públicas vai atuar num processo de ensinar alguém a ser celebridade, destacando as qualidades, valorizando os pontos de referência social, identificando públicos, definindo linguagem e selecionando os meios de comunicação que propagarão tais objetivos (FIGUEIREDO; TUZZO, 2011, p. 48).

Há uma indústria da visibilidade constituída por especialistas que selecionam pessoas desconhecidas e conhecidas, e desenham e fabricam suas imagens, supervisionam sua distribuição e gerenciam sua ascensão à alta visibilidade. Algumas sub-indústrias participam dela, como a da comunicação (jornais, revistas, rádio e televisão), entretenimento (teatros, casas de show e arenas esportivas), a da aparência (cabeleireiros, esteticistas e estilistas) e a da publicidade (publicitários, relações públicas, agências e consultorias de pesquisa). Como apontado por Rojek (2008) essas sub-indústrias contribuem para a fabricação cultural da celebridade; desse modo, seus trabalhos artísticos, discursos, atitudes e aparência constituem sua imagem e sua comunicação com o público.

Os fãs se interessam por muito mais que apenas o trabalho da celebridade. A vida pessoal acaba repercutindo para a audiência, que acompanha sua vida amorosa e familiar, amizades, disputas com outras pessoas famosas e posicionamento políticos. Lilti (2017) afirma que quando um artista se torna célebre, a curiosidade que desperta deixa de ser apenas sobre sua atividade original e suas competências, pois sua capacidade de manter o interesse do público torna-se importante. Sua vida privada também passa a ser um interesse coletivo e uma intimidade distante é criada com o público.

Além da intimidade compartilhada pela própria celebridade, muitos tabloides e portais de entretenimento passam a compartilhar informações sobre a vida privada das estrelas. Não raro, publicam, inclusive, notícias falsas. Na figura 1 temos uma capa da revista US Weekly com a cantora Taylor Swift e o ator Jake Gyllenhaal; e na figura 2 uma capa com a cantora Beyoncé em que é anunciada sua primeira entrevista pós-gravidez da primeira filha, a qual foi desmentida por seu porta-voz.

Figura 1 - Capa da US Weekly com o casal Taylor Swift e Jake Gyllenhaal (2010)



Fonte: Notícias Band Uol.

Figura 2 - Capa da Revista Star com “primeira entrevista de Beyoncé pós-gravidez” (2012)



Fonte: globo.com

De acordo com Marshall (2006), as celebridades são indivíduos superexpostos, pois o público aceitou o que ele chama de “intimidade pública”. Esse fenômeno foi

expandido pela cultura on-line. Atualmente, o nível de exposição se acentua, por meio de registros e transmissões de imagens, sons, textos e vídeos.

As redes sociais acabam sendo um canal direto de integração entre celebridade e fãs, que compartilham seu trabalho, lançamentos de novos álbuns ou videoclipes, e, também um pouco do seu dia a dia. Assim, a audiência fica “próxima” do seu objeto de afeto. Para Rojek (2008), o distanciamento físico e cultural cria uma relação de desejo e de fantasia, assim, a conexão entre o público e o ídolo se dá por meio de um relacionamento imaginário.

O agrupamento de fãs é chamado de *fandom*, uma comunidade que se une, seja no âmbito digital ou presencial, para apoiar o artista, consumir seus conteúdos e defendê-lo quando necessário. John Fiske (1992) define o fandom como uma característica comum da cultura popular nas sociedades industriais. O autor destaca que esses grupos estão associados a formas culturais que o sistema dominante rebaixa, como música pop, quadrinhos ou estrelas de Hollywood. São esses fãs que criam uma "economia cultural paralela" ao inventar seus próprios sistemas de produção e distribuição, como grupos no Facebook e hashtags no Twitter.

Figura 3 - Grupo Taylor Swift Brasil no Facebook



Fonte: Grupo TSB.

Sandvoss (2013) define três tipos de fãs: fãs, adoradores e entusiastas. Os fãs acompanham um ícone cultural quase que exclusivamente por mídias de massa. Os adoradores, por sua vez, utilizam mídias mais especializadas e podem desenvolver relações de comunidade com outras pessoas que fazem parte do *fandom*. Já para os entusiastas, importa menos o objeto (como um pop star), mas a própria atividade. Esses últimos consomem conteúdos por estruturas organizacionais como convenções de fãs e fã-clubes.

Além dos apoiadores, também é preciso saber lidar com os *haters*, que têm impacto direto na carreira de uma celebridade, especialmente na era das mídias sociais. Os *haters* são definidos por França e Simões (2020, p. 12) como “pessoas cuja motivação de vida na web está na manifestação de ódio a figuras públicas”. É comum que os *haters* sejam fãs de uma celebridade concorrente ou alguém com quem tenha acontecido um desentendimento público.

A cultura do cancelamento também é um risco à reputação das celebridades, pois, elas podem ser condenadas por alguma declaração ou atitude. Com as redes sociais, esse episódio pode viralizar por meio de um vídeo, foto ou áudio. Até mesmo postagens antigas podem ser recuperadas, a fim de apontar incoerências ou posturas preconceituosas que a pessoa possa haver cometido no passado. Deste modo, a internet aumentou o alcance do cancelamento, já que declarações atuais e antigas estão disponíveis para qualquer um. No entanto, ao mesmo tempo que celebridades estão mais sujeitas a serem canceladas devido sua exposição midiática, uma carreira consolidada e uma fã-base fiel são condições que ajudam a barrar esse cancelamento, de acordo com Ross Douthat (*THE NEW YORK TIMES*, 2020).

Criar uma conexão com a fã-base, dividindo a intimidade que é esperada pelo público, é fundamental para um artista. Além disso, saber lidar com possíveis crises oriundas de um relacionamento conturbado com os *haters* é essencial. Quando sua imagem é positiva perante o público, seu trabalho é reconhecido e a reputação pode ser fortalecida.



NOTHING LIKE A MAD WOMAN

Os Feminismos e o Pop



3. *NOTHING LIKE A MAD WOMAN* (NADA COMO UMA MULHER LOUCA): OS FEMINISMOS E O POP

Debates sobre diversidade têm acontecido em todo o mundo e em múltiplos segmentos, entre eles, o entretenimento. O direito das mulheres têm sido foco na música, na TV e no cinema; artistas e profissionais do segmento buscam mais representatividade, equiparação salarial e respeito. Este movimento também inspira o público, que se identifica com as produções e com os posicionamentos feitos pelas celebridades.

3.1 Minorias e Representação

São chamados de minorias, grupos que sofrem algum tipo de opressão na sociedade e são excluídos por um grupo dominante. Essas opressões podem ocorrer em diversos âmbitos, seja no pessoal, no mercado de trabalho ou na política.

Ora, a noção contemporânea de minoria - isto que aqui se constitui em questão - refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas etc. (SODRÉ, 2005, p. 11-12).

Para Moscovici (2009), a representação social elabora comportamentos e orienta a comunicação entre os indivíduos. É o resultado de suas interações e são comuns a um grupo de pessoas em um tempo e espaço. Por meio dessas interações, o conhecimento é produzido, tornando possível uma leitura da realidade social:

o conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados. O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração. (MOSCOVICI, 2009, p. 9).

Em contrapartida aos grupos dominantes, as minorias buscam organizar-se e produzir conhecimento, a fim de combater as opressões que sofrem. Para Guareschi (2008), quando a demarcação de diferenças repercute na sociedade, ela produz

sujeitos que se reconhecem a partir de determinadas posições, tais como os intelectuais, os políticos, os negros, as mulheres.

Desse modo, produções artísticas, como músicas e videoclipes produzidos por cantoras podem ser uma maneira de representar um grupo em particular. Essa é uma das maneiras pelas quais as minorias podem se expressar e se afirmar, na busca pela quebra de estereótipos ou na intenção de conquistar seus direitos, liberdade e amplificar suas vozes na sociedade.

3.2 Questão de Gênero

O feminismo tem sido um importante movimento para enfrentar as desigualdades de gênero, pautando-se nas experiências de mulheres a fim de realizar debates e mudanças estruturais para combater o machismo e o patriarcado. Para bell hooks, uma feminista é formada ao tomar consciência sobre o sexismo que enfrenta:

Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. Quando mulheres se organizaram pela primeira vez em grupos para, juntas, conversar sobre questões relacionadas ao sexismo e à dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto os homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência. (HOOKS, 2018, p. 23).

A luta das mulheres contra o sexismo começou antes mesmo do movimento feminista ser organizado. Como precursoras, temos Christine de Pizan, filósofa e escritora italiana que publicou em 1405 “O livro da cidade das mulheres”. A obra reúne figuras femininas célebres da história em uma cidade alegórica, em uma réplica ao misógino “Romance da rosa” de Jean de Meun. Marie de Gournay, francesa que viveu no século XVI lutou pelo direito à educação, que era um privilégio dos homens. Nas Américas, Sor Juana Inés de La Cruz (1648-1695), filósofa, poeta, dramaturga e escritora autodidata, se tornou freira para evitar o casamento e estudar. Defendeu em uma famosa carta a um bispo, seu direito e de todas as mulheres de acessar o conhecimento (LIMA, 2020).

A partir do século XVIII, as mulheres passam a se organizar, inspiradas por ideais iluministas como a defesa da liberdade individual. Tiveram uma forte participação na Revolução Francesa, porém, não foram ouvidas. A dramaturga e ativista francesa Olympe de Gouges escreveu “A declaração dos direitos da mulher e da cidadã” em 1791, afirmando que “a mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem”. Em 1792, Mary Wollstonecraft critica pensadores iluministas que não estenderam os direitos de liberdade para elas, no livro “Reivindicação dos direitos das mulheres”. Não só as europeias estavam agindo: Nana Asma’u, princesa do califado de Sokoto, na atual Nigéria, defendia a educação para meninas. Nana treinou professoras para que viajassem pelo território e educassem as mulheres em suas casas (LIMA, 2020).

A partir do século XIX, o movimento feminista é segmentado em ondas: segundo Pinto (2010), a primeira ocorreu no fim do século XIX, em busca por direitos na vida pública e reversão de desigualdades legais. Durante esse período, foi declarado o Dia Internacional da Mulher, sugerido pela socialista Clara Zetkin, após marchas que reivindicavam melhores condições de trabalho, salário mais justos e o voto.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, mulheres de classe média, conhecidas como as sufragistas, mobilizaram-se pelo direito ao voto. Conferências foram realizadas pelos EUA para discutir os direitos das mulheres; um destaque é o discurso “Por acaso não sou uma mulher?”, de Sojourner Truth, ativista abolicionista que lutava pelo direito das mulheres negras. As manifestações se espalharam, chegando inclusive no Brasil, que concedeu o direito ao voto para todas as mulheres em 1932; uma das figuras centrais foi Bertha Lutz, que teve contato com sufragistas europeias no ensino superior e ao voltar para cá, articulou o movimento brasileiro (LIMA, 2020).

A segunda onda ocorre a partir da década de 60, com o intuito de abarcar as desigualdades culturais e o papel da mulher na sociedade. No contexto mundial, acontecia a guerra do Vietnã, o movimento hippie que combatia os valores de consumo e morais dos norte-americanos e o “Maio de 68” quando estudantes ocuparam a Universidade Sorbonne. Simone de Beauvoir foi uma escritora fundamental com a publicação de “O segundo sexo”, ao conceituar a ideia de que a mulher não é um produto do sexo biológico, mas uma construção social (LIMA, 2020).

Neste momento, o feminismo ganha um viés libertário, buscando não só mais espaço, como também uma mudança na relação entre mulheres e homens, já que

existe uma dominação conduzida pelo sexo masculino. Há uma busca de autonomia sobre o próprio corpo e, no começo daquela década, foi lançado o anticoncepcional nos Estados Unidos e Alemanha. Já no Brasil, ocorria um momento de repressão, com a ditadura militar; mulheres exiladas se aproximaram do feminismo europeu. A partir de seu retorno, com a redemocratização, surgem coletivos de mulheres que tratam de vários temas: violência, sexualidade e orientação sexual, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil e luta contra o racismo (PINTO, 2010).

Um protesto realizado pelo Movimento de Libertação das Mulheres contra o concurso de beleza Miss América, em 1968, no qual aconteceu uma queima de sutiãs. O modo como a mídia cobriu o evento fez com que surgisse uma reação contrária ao feminismo. O estereótipo de mulheres feministas como raivosas e extremistas reverbera até hoje (LIMA, 2020).

Na década de 1980, debates sobre gênero e raça ganhavam notoriedade, apontando a necessidade do feminismo negro; Angela Davis tornou-se referência com o livro “Mulheres, raça e classe”, ao lutar pelos direitos civis dos negros e integrar o grupo dos Panteras Negras. No Brasil, essa frente tinha Lélia Gonzales, professora, antropóloga, filósofa e escritora, que participou da fundação do Movimento Negro Unificado em 1978, e do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga em 1983 (LIMA, 2020).

A terceira onda do movimento agrega maior diversidade à luta a partir do conceito de interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, que reconhece que mulheres sofrem diferentes tipos de opressão - e é necessário considerar essas distintas realidades para combater o machismo. Sobre as interseções, Judith Butler, uma das pioneiras na teoria sobre os problemas de gênero, aponta que:

o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p. 21).

Com a vertente interseccional, o feminismo também abraça a diversidade de mulheres, incluindo pessoas LGBTQIA+, pessoas com deficiência, mulheres negras, indígenas, orientais e fazendo também o recorte de classe.

Para Heloísa Buarque de Holanda (2018), é necessário exercitar a escuta:

Percebo que hoje, para uma feminista branca, é antes de mais nada importante promover um tipo de escuta na qual, sem abrir mão de seu próprio “lugar de fala”, sejam possíveis formas inovadoras de empatia e de troca que gerem novas perspectivas de reflexão e ação. (HOLANDA, 2018, p. 248)

Na última década, a quarta onda que ainda está em andamento, alguns acontecimentos fizeram o feminismo estar nos holofotes pelo mundo; ocorreu uma massificação do movimento, que gerou impactos políticos e culturais. Aqui no Brasil, Dilma Rousseff foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente da República, eleita em 2010. Dois anos depois, Malala Yousafzai se torna um símbolo da educação para mulheres ao ser baleada pelo Talibã (LIMA, 2010).

As redes sociais se tornaram um local importante para criação de comunidades de mulheres e debates. Entre 2013 e 2015, hashtags como #ChegadeFiuFiu, #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto colocaram em destaque os debates sobre assédio sexual em locais públicos e casos de abuso. Na Argentina, a #NiUnaMenos tomou as redes e mulheres foram às ruas protestar contra o estupro em 2015 (LIMA, 2020).

No Brasil, o Presidente da Câmara, Eduardo Cunha, propôs um projeto de lei visando dificultar o acesso ao aborto para mulheres estupradas. Fato esse que gerou diversos protestos, conhecidos como a Primavera Feminista brasileira, pela grande adesão de mulheres que se posicionaram contra o retrocesso (EL PAÍS, 2015)

Já em 2017, as ruas dos Estados Unidos foram tomadas em protesto à eleição de Donald Trump, que apresentava condutas misóginas e possíveis recuos aos direitos das mulheres. No Brasil, em 2018, grandes protestos aconteceram antes das eleições da presidência que elegeram Jair Bolsonaro e a #elenão ocupou as *timelines* das redes sociais. Esse foi o maior protesto com participação de mulheres na história do país, em oposição a um candidato retrógrado e que havia manifestado preconceitos a diversas minorias, além de mulheres (LIMA, 2020).

3.2.1 Estereótipos de Gênero

Apesar dos avanços que o feminismo alcançou para as mulheres, ainda existem estereótipos acerca do papel da mulher e seus comportamentos. Uma parcela mais conservadora da sociedade ainda acredita em valores sexistas que rotulam e

limitam a vida das mulheres. Ecoando discursos que reforçam a subordinação ao homem e não exercício de liberdade.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma que escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Para Bourdieu (2002), a ordem social reforça a dominação masculina e coloca a mulher como pertencente e restrita ao espaço privado:

é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens e a casa reservada às mulheres. (BOURDIEU, 2002, p. 18).

Deste modo, tudo que apresentar um desvio de um comportamento esperado da mulher, será estranhado pela sociedade. Construir uma carreira e ser uma mulher de negócios será um desafio, manter relacionamentos publicamente e exercer sua liberdade sexual, não se casar ou ter filhos, e assim por diante. A mídia, como influenciadora de opiniões, pode reforçar esses estereótipos de acordo com a leitura que faz sobre as mulheres, reforçando preconceitos.

3.2.2 Sororidade: a união das mulheres

A fim de nomear o sentimento de união feminina, foi criada uma palavra: sororidade, cuja origem vem do latim *soror*, que significa irmã; apesar de ser amplamente utilizada, em especial nos contextos virtuais, a palavra não está oficialmente registrada em dicionários da língua portuguesa (GERALDO, 2020).

Existe uma discussão se a sororidade deve ser essencialmente feminina e por vivermos em uma sociedade patriarcal, essa postura é tolhida. Quando acontece, configura-se como uma prática feminista, uma escolha política. Para hooks (2018), além de compartilhar experiências em comum, a sororidade consiste em ter uma solidariedade política, para lutar contra a opressão patriarcal.

A sororidade prevê que as mulheres se vejam como aliadas e não como rivais. Tal leitura é estimulada pela sociedade patriarcal:

Essa defesa da sororidade como uma experiência válida e importante se apresenta, inclusive, como uma contrapedagogia que responde a valores e formas de sociabilidade ensinadas em uma cultura patriarcal, representados, principalmente, pela ideia de rivalidade (LEAL, 2019, p. 97).

Essa prática promove a empatia entre as mulheres, reformulando padrões de gênero e forjando relações positivas, negando a competitividade e colapsando significados e valores de disputa entre mulheres.

3.3 Feminismo e a Mídia

Apesar da importância histórica do feminismo e seu papel na conquista dos direitos das mulheres, o movimento não é conhecido e aceito por toda a sociedade. Existe uma imagem negativa sobre mulheres no geral: uma pesquisa feita pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) da ONU em março de 2020 revelou que que 90% dos homens e das mulheres têm visões negativas sobre o papel feminino na política, no mercado de trabalho e até na vida familiar. A pesquisa foi feita em 75 países, cobrindo quase 80% da população mundial.

Para quem não conhece as particularidades do movimento feminista e os impactos que ele trouxe à vida das mulheres, a feminista é apenas um estereótipo: alguém que odeia homens, que não se depila, que faz protestos sem roupas - e esses estigmas são reforçados pela mídia. Segundo bell hooks:

Uma multidão pensa que o feminismo é sempre e apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens. E a grande maioria desse pessoal pensa que feminismo é anti-homem. A incompreensão dessas pessoas sobre políticas feministas reflete a realidade de que a maioria aprende sobre feminismo na mídia de massa patriarcal (HOOKS, 2008, p. 19).

Em *Backlash* (retrocesso, em tradução livre), Susan Faludi (1991) ressalta que a mídia também é responsável por criar a percepção de que “as mulheres chegaram lá”, alcançando independência financeira, equidade em âmbito legal, na educação e no mercado de trabalho. Em paralelo, apontavam essa equidade como motivo para a infelicidade feminina, culpando o movimento feminista pelos problemas que as mulheres ainda sofrem, em uma tentativa de esvaziá-lo.

A verdade é que os anos 80 presenciaram um poderoso contra-ataque aos direitos da mulher, levando a um retrocesso, a uma tentativa de reduzir o punhado de pequenas e sofridas vitórias que o movimento feminista a custo conseguiu. Este refluxo antifeminista, ou backlash, é extremamente insidioso: travestido de versão popular da Grande Mentira, enfeita-se pomposamente com um halo de verdade e proclama que as mesmas iniciativas que levaram a mulher a uma posição superior foram responsáveis pela sua ruína. (...) Qualificar o feminismo como inimigo das mulheres só disfarça os motivos do golpe contra a igualdade da mulher, desviando ao mesmo tempo a atenção do papel central do backlash e angariando recrutas para que lutem contra sua própria causa. (FALUDI, 1991, p 17-18).

Isso se manifestou em reportagens, publicidades, livros e produções cinematográficas, que reproduziam um padrão negativo de representação de mulheres independentes e solteiras.

Canclini (2008) apresenta a ideia de que os sujeitos se reconhecem em campos imaginários, como filmes, novelas e ao acompanhar a vida de pessoas famosas, impactando a formação identitária de uma pessoa. Deste modo, essas representações negativas de mulheres famosas podem reforçar o movimento anti-feminista.

A fascinação gerada pelas suas aventuras heroicas ou melodramáticas, assim como por noticiários que informam de acontecimentos políticos como se fossem dramas pessoais ou familiares, parece responder à necessidade dos consumidores em encontrar algum lugar onde existam sujeitos que importam, padecem e atuam. (CANCLINI, 2008, apud AMARAL, 2019, p. 45).

As representações midiáticas podem influenciar a percepção do público sobre o movimento feminista. No mundo do entretenimento, ao observar o comportamento de artistas, percebemos que o posicionamento feminista não era feito de maneira explícita - por mais que estivesse presente em algumas de suas atitudes - em razão de uma impressão errônea sobre o movimento. Em meados de 2013, a cantora Beyoncé afirmou que acreditava que o termo feminista era muito extremo; para Lady Gaga, isso era sinônimo de odiar os homens; e Taylor Swift declarou que não via rivalidade entre homens e mulheres ao ser questionada se se considerava uma feminista: “Fui criada por pais que me ensinaram que se você trabalha tão duro quanto os homens, você vai longe na vida” (VICENTE, 2014).

Com o tempo, as pautas feministas ganharam mais espaço nas mídias e no mundo do entretenimento. No próximo tópico, vamos entender as movimentações do segmento e como artistas fizeram uma transição de posicionamento ou como sempre levantaram bandeiras em sua carreira.

3.4 Entretenimento e Ativismo

Ao longo da história, é possível reconhecer algumas artistas que se posicionaram política e socialmente durante suas carreiras, mesmo isso deixando-as sob o risco de receber críticas ou de serem condenadas ao ostracismo.

Nina Simone conquistou o público com sua voz e seu estilo musical. Além disso, se tornou um símbolo de luta por direitos civis e do movimento negro nos EUA por meio de suas canções. Em “*Mississippi Goddam*”, a cantora expressa indignação sobre o racismo enfrentado por mulheres e homens no país. Outra canção marcante foi “*Why? The King of Love is Dead*”, em homenagem ao líder do movimento por direitos civis, Martin Luther King, que foi assassinado em 1969. Por causa de seu posicionamento, Nina passou a ser evitada por casas de show, gravadoras e pelo público, e acabou deixando os Estados Unidos em 1970 (GELEDES, 2015).

Jane Fonda era um símbolo sexual nos Estados Unidos, admirada por sua atuação e beleza. A atriz passou a ter um papel mais ativista durante a Guerra do Vietnã, comentando os abusos da guerra em entrevistas e fazendo uma turnê em universidades para palestrar; tal atitude fez com que a imprensa apresentasse a atriz como “traidora”. Também nessa época, a atriz se aproximou dos ideais feministas. (BANDEIRA, 2017). Atualmente, aos 81 anos, a atriz tem organizado protestos sobre mudanças climáticas, chegando até a ser presa, também participou de protestos contra o presidente Donald Trump (F5, 2019).

A cantora Madonna é um símbolo da liberdade feminina e defensora dos direitos LGBTQIA+. Em suas músicas e videoclipes, a cantora sempre defendeu a liberdade sexual da mulher e deu representatividade para pessoas LGBTQIA+. Em 1989, o LP “*Like a Prayer*” continha um encarte que, além das letras musicais, oferecia informações sobre a AIDS, além de ressaltar o apoio que pessoas com HIV precisavam. Em 1992, ela lança o livro *SEX*, com conteúdos eróticos e fotos explícitas. Posteriormente, apresenta o álbum “*Erotica*”, uma tentativa de quebrar os tabus relacionados ao sexo. A cantora ainda se opôs ao presidente dos Estados Unidos George Bush no disco “*American Life*” e defendeu os gays na sua turnê pela Rússia, país que proíbe propaganda homossexual. A cantora também aderiu à campanha #elenão contra Jair Bolsonaro (RECKZIEGEL, 2019).

Mesmo com as referências anteriores, posicionamentos mais explícitos começaram a ganhar força no mundo do entretenimento. A partir de 2015, nos EUA, artistas norte-americanas aderiram à campanha “*Ask her more*” criada por Jennifer Siebel Newson, cineasta e fundadora da ONG *The Representation Project*. A ação analisa a representação midiática das mulheres: a ideia era que jornalistas perguntassem mais do que quais eram os estilistas das roupas que elas estavam usando em premiações.

No fim do ano, o movimento *#MeToo* denunciava casos de abuso sexual, inicialmente por acusações feitas ao produtor de Hollywood Harvey Weinstein, multiplicando-se rapidamente contra outros homens e em outros países. Ele foi condenado a 23 anos de prisão, ao ser considerado culpado por duas de cinco acusações de má conduta sexual pelo estado de Nova York; outros processos estão ocorrendo em Los Angeles. Além disso, o produtor foi expulso da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, organização do Oscar e demitido do Weinstein Company, que fundou com seu irmão (BBC, 2020).

Em continuação, o *#TimesUp* surge para combater casos de violência sexual. Como protesto, atrizes participaram do evento Globo de Ouro vestidas de preto para se manifestar e criaram um fundo de defesa legal para mulheres que sofreram abuso sexual ou que não conseguiram denunciar seus agressores (UOL, 2018).

Entre as cantoras, Beyoncé se destacou no *Video Music Awards* de 2014, ao performar a música *Flawless*, que traz um trecho do Ted Talk da autora nigeriana Chimamanda Adichie (CARDOSO, 2014).

Nós ensinamos as meninas que elas não podem ser sujeitos sexuais da mesma maneira que os meninos são. (...) Nós ensinamos as meninas a se diminuïrem, para que se tornem pequenas. Dizemos para as meninas: “Você pode ter ambição, mas não muita. Você deve querer ser bem sucedida, mas não pode ter muito sucesso. Caso contrário, você vai ameaçar o homem (ADICHIE, 2017).

A palavra “feminista” iluminou-se no palco, onde a cantora se apresentava. Adichie (2017), define feminista como “uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos” (ADICHIE, 2017). A cantora, então, pareceu alinhar-se à nigeriana.

Figura 4 - Apresentação de Beyoncé no VMA (2014)



Fonte: Portal Geledés.

Beyoncé têm sido uma referência para o movimento feminista e antirracista, com os álbuns *Lemonade* e mais recentemente, o álbum visual *Black is King*, que celebra a cultura africana e a ancestralidade, compartilhando referências estéticas, filosóficas e políticas (MARIAH, 2020). Ao lançar a canção *Black Parade*, a cantora inaugurou uma plataforma que beneficia empreendedores negros, promovendo negócios de diversas áreas (CLAUDIA, 2020).



THIS IS ME TRYING

A Trajetória de Taylor Swift até o Feminismo



4. THIS IS ME TRYING (ESSA SOU EU TENTANDO): TAYLOR SWIFT E A TRAJETÓRIA ATÉ O FEMINISMO

Neste capítulo, abordaremos a trajetória de Taylor Swift, destacando momentos marcantes da sua vida profissional e pessoal, e sua mudança de posicionamento. Taylor deixou de ser uma pessoa que evitava se expressar sobre questões políticas e sociais, e se tornou uma mulher que se declara feminista e que apoia causas, além de manifestar suas preferências políticas de forma aberta.

Como material, traremos posts em redes sociais e o documentário *Miss Americana* que conta a trajetória da artista, lançado pela plataforma de streaming *Netflix*, além de algumas capas de revistas e reportagens online, para entendermos a leitura que a mídia fazia dela.

4.1 You're really gonna be someone (você realmente vai ser alguém): A Princesa do Country

Taylor Swift iniciou sua carreira no gênero country com 16 anos: ela foi descoberta por Scott Borchetta no *The Bluebird Café*, um lugar tradicional de Nashville, capital da música country. Na época, Borchetta criava sua gravadora independente, a *Big Machine Records* e deu espaço para que Taylor criasse suas próprias composições. Taylor ganhou relevância no meio musical fazendo abertura de shows para grandes nomes do country, fazendo participações em músicas de John Mayer e *Boys Like Girls*, e com suas canções autorais (TAYLOR SWIFT BRASIL).

Seu primeiro álbum, *Taylor Swift*, foi lançado em 2006 e vendeu 39 mil cópias na primeira semana. Em 2007 ela ganhou seu primeiro prêmio, o *Breakthrough Video of the Year* com o clipe de “*Tim McGraw*” no *CMT Music Awards* e foi indicada ao seu primeiro *Grammy*, na categoria *Best New Artist*, o qual foi vencido por Amy Winehouse (TAYLOR SWIFT BRASIL).

Em setembro de 2008 ela lança “*Love Story*”, single do seu segundo álbum “*Fearless*”. A canção alcançou o 1º lugar na parada de country da *Billboard* e 3º lugar na *Billboard Hot 100*, o álbum vendeu quase 600 mil cópias na semana de estreia e deu a cantora quatro *Grammys*. O sucesso garantiu sua primeira turnê, a *Fearless Tour 2009*, que passou pelos EUA, Canadá, Reino Unido, Austrália e Japão. Também

nesse ano, a cantora ganhou seu primeiro *Video Music Awards* por Melhor Vídeo Feminino – este episódio ficou marcado por um desconforto com o cantor Kanye West, que será analisado adiante (TAYLOR SWIFT BRASIL).

O terceiro álbum, “*Speak Now*”, foi lançado em 2010 e vendeu mais de 1 milhão de cópias na primeira semana; o álbum foi escrito apenas por ela, após o público e a imprensa duvidarem de seu talento como compositora. Com ele, Taylor ganhou o *Billboard Award* de *Top Country Album*, o *American Music Awards* de *Favorite Country Album*, *Entertainer of the Year* nas premiações country *ACM* e *CMA Awards* e o prêmio de *Artist of The Year* no *American Music Awards*. A turnê desse álbum foi uma das mais lucrativas do ano nos EUA, contando com artistas convidados e a gravação de um CD e DVD para registrá-la em 2011. Ainda neste ano, Taylor lançou um perfume, foi premiada como *Women of the Year* pela *Billboard* e venceu dois dos quatro *Grammys* que concorria (TAYLOR SWIFT BRASIL).

No documentário *Miss Americana*, lançado em 2019 pela Netflix, Taylor compartilha a pressão que sentia para ser boa desde sua infância: “todo meu código moral, como uma criança e agora, é uma necessidade de ser vista como boa”. Para ela, entrar no mundo da fama e ser aplaudida era uma forma de ser validada - e suas expectativas sempre estavam alinhadas com o que o público pensava dela.

Para o filósofo Michel de Montaigne, se preocupar demais com a opinião dos outros pode nos corromper, porque acabamos tendo comportamentos similares ao de pessoas más ou ficando consumidos com ódio pelos outros e perdendo a razão. (BUCKINGHAM, 2011). Assim, a fama é a maior opositora da paz de espírito. Em sua trajetória, Taylor teve uma era pautada pela vingança e por um posicionamento mais ofensivo, frente ao público e artistas com quem teve desentendimentos.

No início da carreira, Taylor mantinha a imagem de uma moça de família, cristã, tradicional, que não bebia ou se divertia à noite. Assim, seguia o comportamento que era esperado de uma mulher, sendo gentil, recatada e uma boa moça. No geral, sendo considerada a queridinha da América.

A artista costuma dizer que ouvir suas músicas é como ler seu diário: as narrativas relatam suas experiências amorosas, com músicas apaixonadas ou sobre as decepções. Taylor considera as músicas autorais um diferencial seu e nunca teve medo de expor seus sentimentos e relacionamentos nas letras. A postura romântica se refletia também nos videoclipes e no estilo da cantora, que aderiu ao estereótipo de princesa criado pela mídia e pelo público. No vídeo de “*Love Story*”, um dos

videoclipes de sucesso, a cantora recria a história de Romeu e Julieta de Shakespeare e assume o papel de uma princesa.

Figura 5 - Taylor no vídeo de Love Story (2009)



Fonte: Canal de Taylor Swift no YouTube.

Uma das músicas de grande sucesso de seu segundo álbum foi “*Forever and Always*”, que conta a história de um ex que terminou com ela por telefone - o cantor Joe Jonas, da banda Jonas Brothers. Ela também abordava o assunto em entrevistas; o caso com Joe Jonas foi contado no programa da apresentadora Ellen Degeneres, por exemplo. Outras músicas foram dedicadas ao relacionamento com o cantor Joe Jonas, e em uma delas, Taylor declara guerra à atriz Camilla Belle, com quem ele começou a namorar após o término. A letra de “*Better than Revenge*” é extremamente cruel e sexista: “Ela não é uma santa e ela não é o que você pensa, ela é uma atriz; mas ela é mais famosa pelas coisas que ela faz na cama. Logo ela vai descobrir que roubar brinquedos de outras pessoas no playground não vai te trazer muitos amigos”.

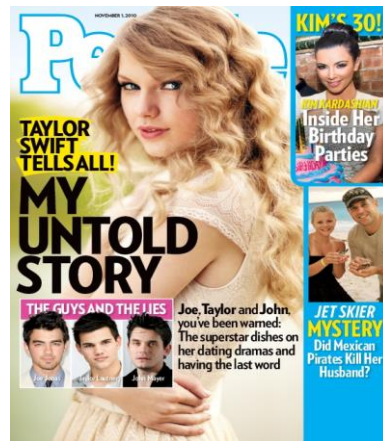
Apesar do comportamento exemplar, o fato da cantora ter assumido relacionamentos com diferentes pessoas foi condenado pela mídia e acabou se tornando o foco de tablóides e demais canais. A cobertura da imprensa sobre Taylor passou a ser muito focada em seus relacionamentos, em uma tentativa de relacionar suas músicas com os respectivos homens por trás das narrativas e para fazer especulações sobre sua vida. Mesmo em entrevistas, o assunto sempre era trazido à tona, para além do seu trabalho. Taylor também era frequentemente mencionada como “ex-namorada” de alguém, como se fosse coadjuvante de sua própria história e como se sua fama tivesse sido alcançada apenas por se relacionar com homens famosos.

Figura 6 - Taylor Swift sendo mencionada como “ex de Joe Jonas”, em uma matéria que tratava de seus interesses amorosos, em 2008



Fonte: Ego

Figura 7 - Capa da Revista People menciona ex-namorados Joe Jonas, Taylor Launther e John Mayer, em 2010



Fonte: Access Online.

Figura 8 - Capa da Marie Claire sobre “vingança, se apaixonar e superar Gaga em vendas”, em 2012



Fonte: Design Scene.

Figura 9 - Capa da US Weekly especulando sobre a relação de Taylor e Tom Hiddleston, com um suposto pedido de casamento a ser feito após um mês de namoro, em 2016



Fonte: US Weekly.

Figura 10 - Capa da US Weekly anunciando o término de Taylor e Tom Hiddleston, alegando que a rapidez da relação causou sua implosão, em 2016



Fonte: US Weekly.

Neste início de carreira, as declarações de Taylor giravam em torno de seu trabalho e de sua vida pessoal. O documentário *Miss Americana* mostra uma entrevista de 2011, em que a apresentadora diz que Taylor é “muito discreta sobre como vota”. Ela, ainda acrescenta: “Sou apenas uma cantora de 22 anos e não sei se as pessoas querem ouvir minhas opiniões políticas. Acho que elas só querem ouvir sobre termos e sentimentos”.

Outro momento destacado pelo documentário ocorreu em 2012. Em uma conversa com o apresentador David Letterman: quando questionada se estava satisfeita com as opções de candidatos à presidência, Taylor respondeu que “era seu direito votar, mas que não era seu direito dizer às pessoas o que fazer”. Assim, Taylor reforça seu posicionamento de se distanciar da política e outras questões sociais, dando respostas que não causariam nenhum desconforto frente ao seu público.

A postura esquivada de Taylor se dava em razão do gênero em que atuava: o country, que é conhecido por ter uma audiência conservadora de direita, patriota, que odeia o Estado e reproduz preconceitos contra minorias. O estilo tem forte presença nos rankings musicais, sendo que entre os três álbuns mais vendidos de 2010, estavam o “*Need You Now*” da banda country *Lady Antebellum* e o “*Speak Now*” de Taylor (LAURENT, 2012).

O presidente Bush declarou que country era seu estilo de música favorito. Após o atentado de 11 de setembro, cantores escreveram músicas em homenagem ao país. No entanto, a banda *The Dixie Chicks*, composta apenas por mulheres, posicionou-se contra o presidente após ele declarar Guerra ao Iraque em 2003, dizendo que tinham vergonha de partilhar origem texana com o presidente. A partir daí, as rádios passaram a boicotá-las e elas passaram a sofrer ataques na mídia, impregnados de machismo. Os discursos sugeriam se mulheres não são aptas a expressar suas opiniões políticas (LAURENT, 2012).

Esse episódio aparece no documentário *Miss Americana*, pois a banda era uma referência para Taylor e, ao mesmo tempo, gerou um receio sobre posicionamentos políticos. Ela declara: “Eu era tão obcecada por não me meter em problemas ao ponto de não querer fazer nada que as pessoas pudessem comentar”. O conservadorismo da sua fã-base e o cancelamento das *Dixies* fez com que Taylor se esquivasse quando questionada sobre suas opiniões políticas. O caso se tornou um exemplo entre empresários do ramo, que podavam suas estrelas que se posicionavam.

Ao sofrer um primeiro episódio de machismo publicamente, Taylor não conseguiu se posicionar sobre: em 2009, ela foi premiada com um *Video Music Awards* por Melhor Vídeo Feminino. Quando estava no palco realizando seu discurso de agradecimento, foi interrompida pelo rapper Kanye West, que subiu ao palco, tomou o microfone e disse: “Taylor, estou feliz por você, vou te deixar terminar, mas Beyoncé tinha um dos melhores vídeos de todos os tempos!” (UOL, 2019).

O clássico ato de machismo de interrupção de uma mulher veio em um momento inesperado, em que a cantora estava sendo reconhecida por seu trabalho e ainda criou uma rivalidade que não existia com outra colega. Em outro momento da premiação, Beyoncé ganhou o prêmio de Melhor Vídeo do Ano, e chamou Swift para fazer seu discurso de agradecimento. O convite, na realidade, foi orquestrado pelo diretor da Viacom, Van Toffler, que revelou a Beyoncé que ela subiria no palco para receber outro prêmio e que seria uma oportunidade de Taylor ter o seu momento. Apesar de ter sido um momento engendrado pelo diretor do evento, podemos ler o ato como uma ação de sororidade (BEYHIVE, 2012).

Figura 11 - Kanye West interrompe Taylor Swift no VMA 2009



Fonte: UOL.

Após o evento, quando abordada pela imprensa, Swift disse apenas que era uma fã, e completou: “Não o conheço e não quero entrar nisso porque tive uma ótima noite hoje”. Tanto em questões políticas quanto em questões relacionadas ao machismo, Taylor optava por fazer declarações que não gerassem maiores problemas, o que pode ser lido como uma postura omissa. Como de costume, ela se expressou por meio da música, respondendo ao episódio com “*Innocent*”, canção que diz: “Todos nós já fizemos besteiras também, opiniões mudam como o tempo. Espero que você se lembre que hoje não é tarde demais para fazer algo novo”.

4.2 *It's time now, gotta let go* (agora é a hora, preciso deixar ir): A Transição Para o Pop

A primeira grande mudança que Taylor Swift aplicou em sua carreira foi a transição para o gênero pop, que se iniciou em 2012 com o álbum *Red*. A música “*We Are Never Getting Back Together*” foi lançada como *single*, sendo sua primeira a chegar no topo da *Billboard Hot 100*. O álbum não tem um gênero tão definido e segue fazendo reflexões sobre suas desilusões amorosas, dessa vez, num tom um pouco mais triste. A *Red Tour* convidou outros artistas para subir ao palco com ela que evidenciavam essa mistura entre os dois gêneros, como Ed Sheeran, Ellie Goulding, Rascal Flatts, Hunter Hayes e Jennifer Lopez (TAYLOR SWIFT BRASIL).

Com o álbum *1989*, em 2014, o pop chega de vez na carreira de Taylor; as músicas “*Shake It Off*”, “*Blank Space*” e “*Bad Blood*” lideraram a *Billboard Hot 100*. A *The 1989 World Tour* foi uma das turnês femininas mais lucrativas de todos os tempos, arrecadando 250 milhões de dólares. Como convidados, ela levou Selena Gomez, The Weekend, Justin Timberlake e Mick Jagger (TAYLOR SWIFT BRASIL).

Nesta era, Taylor ganha mais liberdade para se posicionar sobre questões de gênero. Em uma entrevista ao *The Guardian*, ela finalmente assume que apoia o feminismo, falando sobre seu despertar que foi incentivado pela atriz e roteirista Lena Dunham. Como bell hooks coloca, ela tomou consciência e desmistificou a ideia de que o feminismo é um movimento anti-homem:

Como adolescente, não entendia que dizer que você é uma feminista é apenas dizer que você espera que mulheres e homens tenham direitos e oportunidades iguais. O que me pareceu, do jeito que foi dito na cultura, na sociedade, é que você odeia os homens. E agora, eu acho que muitas meninas tiveram um despertar feminista porque elas entendem o que a palavra significa. Por muito tempo, foi feito para parecer algo em que você faria piquete contra o sexo oposto, mas não é sobre isso. Tornar-me amiga de Lena - sem ela pregar para mim, mas apenas ver por que ela acredita no que acredita, por que diz o que diz, por que representa o que representa - me fez perceber que tenho assumido uma posição feminista sem realmente dizer isso. (THE GUARDIAN, 2014)

Nessa entrevista, ela também reflete sobre o modo que a mídia a trata por escrever sobre suas vivências amorosas; na música “*Shake It Off*”, de 1989, ela canta: “Eu vou em muitos encontros, mas não consigo fazer eles ficarem, pelo menos é o que as pessoas dizem”. Para o jornal, ela levanta que há um problema de gênero:

Eu realmente me ressinto da ideia de que se uma mulher escreve sobre seus sentimentos, ela tem muitos sentimentos. E eu realmente me ressinto do ângulo 'Tenha cuidado, amigo, ela vai escrever uma música sobre você', porque banaliza o que eu faço. Faz parecer que criar arte é algo que você faz como uma arma barata, em vez de um processo artístico. Eles podem dizer o que quiserem sobre minha vida pessoal, porque eu sei o que é minha vida pessoal, e isso envolve muita TV, gatos e namoradas. Mas eu não gosto quando eles começam a criticar minhas composições. Porque não há piada a ser feita lá. (*THE GUARDIAN*, 2014)

Ela também repensou a música "*Better than Revenge*", direcionada a Camilla Belle: "Eu tinha 18 anos quando escrevi isso. Essa é a idade que você tem quando pensa que alguém pode realmente levar o seu namorado. Então você cresce e percebe que ninguém tira alguém de você se não quiser ir embora."

Além da transição musical e de se assumir como feminista, este momento da vida de Taylor foi marcado por desentendimentos com outras celebridades. Uma das músicas mais famosas de 1989, "*Bad Blood*" foi inspirada em uma rival. Segundo uma entrevista da cantora a *Rolling Stone EUA*, uma rivalidade foi criada com a cantora Katy Perry, que contratou dançarinos de Taylor, prejudicando a turnê do álbum *Red*. Na letra, Taylor diz: "Porque, meu bem, agora nós temos um conflito. Você sabe, isso costumava ser um amor louco, então dê uma olhada no que você fez". (LEWIS, 2019)

No vídeo da música, lançado em 2015, Taylor vive uma batalha com um grupo formado por diversas amigas para derrotar uma vilã, vivida por Selena Gomez, uma de suas melhores amigas. Nessa época, Taylor havia dado uma pausa nos namoros após as críticas da mídia e criou um *squad* que ficou famoso, se tornando um símbolo de amizade feminina. Por outro lado, algumas pessoas criticavam, pois a maior parte das integrantes eram modelos, seguindo um padrão de beleza inalcançável.

Figura 12 - *Bad Blood*, música inspirada na rivalidade com Katy Perry (2015)



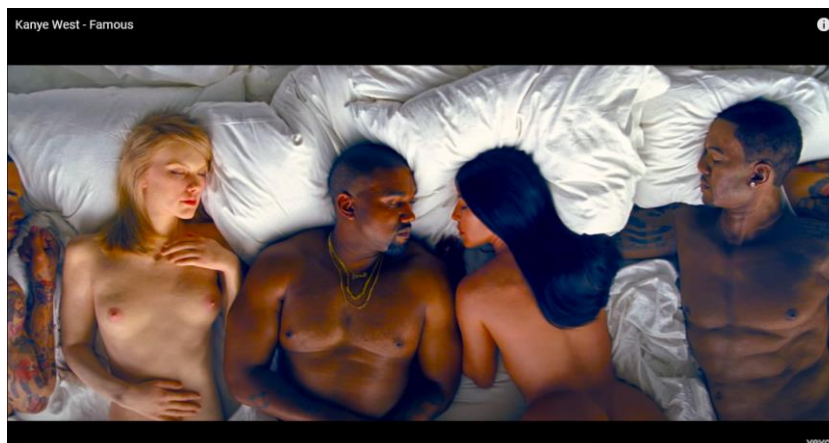
Fonte: Canal de Taylor Swift no YouTube.

Além do episódio, Katy namorou o ex-namorado de Taylor, John Mayer, o que fez a mídia especular que a briga fosse sobre homens. Sobre isso, Taylor se posicionou: “Eu sei que as pessoas vão fazer disso uma grande luta de garotas. Mas eu só quero que as pessoas saibam que não é sobre um cara” (LEWIS, 2019).

Outro episódio marcante na época em que Swift embarcou para o pop, foi o segundo confronto com Kanye West. Após o acontecimento polêmico do *VMA*, Taylor e Kanye fizeram as pazes. A cantora entregou o prêmio Michael Jackson de Vanguarda justamente a Kanye na edição de 2015 (FREIRES, 2017).

No entanto, na música “*Famous*”, lançada em 2016, o *rapper* canta versos misóginos: “Eu sinto que Taylor Swift ainda me deve um sexo, eu fiz essa vadia famosa”, se referindo ao *VMA* 2009. De acordo com ele, a cantora havia aprovado a letra. Swift negou que tinha conhecimento da frase por completo e que tinha aprovado por sua agente de Relações Públicas, Tree Paine. Paine declarou à mídia: “Kanye não ligou para pedir aprovação, mas para pedir que Taylor divulgasse seu single ‘*Famous*’ em sua conta no Twitter. Ela se recusou e advertiu-o sobre o lançamento de uma música com uma forte mensagem misógina.” (GRADY, 2020)

Figura 13 - No clip de "Famous", Taylor é representada nua ao lado de Kanye e Kim (2016)



Fonte: Canal do YouTube de Kanye West.

Ao ganhar o *Grammy* de Melhor Álbum do Ano, a cantora se referiu ao episódio de forma indireta, dizendo:

Como a primeira mulher a vencer a categoria Álbum do Ano no *Grammy* por duas vezes, gostaria de falar a todas as jovens mulheres: Muitas pessoas no caminho vão tentar deter o seu sucesso e tomar os créditos pela sua fama. Não deixe elas te desviem da sua rota. Se você estiver focada no trabalho e não deixar essas pessoas te tirarem do seu caminho, um dia, você chegará aonde deve. (GIRÃO, 2016)

Em resposta, a mulher de West, Kim Kardashian, postou alguns vídeos no *Snapchat* mostrando uma ligação entre ele e Swift, como evidência de que ela estava ciente sobre a música. No entanto, os cortes não deixam claro se a cantora ouviu a letra por inteiro. A cantora se defendeu via *Instagram*, alegando que nunca tinha ouvido a música completa, logo, não haveria como aprová-la e que gostaria de ser excluída dessa narrativa da qual nunca pediu para fazer parte desde 2009 (ABAD-SANTOS, 2016). O pedido pode ser considerado incoerente, uma vez que Taylor havia escrito canções ofensivas e construído narrativas acerca de suas relações com Camilla Belle e Katy Perry.

Com esses movimentos, o *Twitter* implodiu cancelando Taylor: a *#TaylorSwiftIsOverParty* ficou nos tópicos mais comentados por 2 dias; os *haters* da cantora aproveitaram esse momento para mostrar que ela vinha se vitimizando e mentindo ao longo dos anos, desde quando expunha as relações com ex-namorados, até nos desentendimentos com outros artistas (GRADY, 2020).

Figura 14 - Como Taylor Swift pagou de vítima por uma década e construiu toda sua carreira, matéria feita pelo BuzzFeed EUA (2017)



Fonte: Buzzfeed.

Figura 15 - #TaylorSwiftIsOverParty (2016)



Fonte: Busca no Twitter da #taylorswiftisoverparty.

Apesar de abraçar o movimento feminista ao adentrar o mundo do pop, ainda foi possível identificar problemas nas relações de Taylor com outras mulheres. Ela não assumiu de forma direta que a letra “*Better Than Revenge*” era sexista ao reproduzir machismo contra outra mulher; apenas se defendeu reforçando a sua imaturidade na época e pontuando como as crenças machistas moldam nossas atitudes frente aos outros.

Mesmo após conhecer os ideais feministas, Taylor produziu uma música e um vídeo baseado na rixa criada com Katy Perry. Seguiu alimentando-a com seu trabalho e com declarações à mídia. Apenas quando Perry respondeu ao seus ataques Taylor decidiu se recolher e não fazer mais declarações sobre o caso em entrevistas.

Esses lapsos de Taylor frente ao movimento indicam não só a ausência de uma autocrítica, como reforçam que aderir a causas sociais é sinônimo de estar em

constante aprendizado, com abertura ao diálogo e a revisão de nossas próprias atitudes ou opiniões.

No caso com Kanye é possível enxergar uma evolução de Taylor: a cantora deixou de aceitar o machismo declarado por ele, se posicionando por meio de sua porta-voz e em suas redes sociais. A defesa não foi bem recebida pelo público e Taylor se afastou dos holofotes por um ano, sem divulgar novos trabalhos ou aparecer em público. No documentário *Miss Americana*, ela ressalta como esse período foi importante para cuidar de sua saúde mental e rever a necessidade de aprovação do público, especialmente após receber tanto ódio nas redes sociais e da mídia. Nesse período, a cantora também preparou a próxima era, que responderia a todos os ataques que sofreu entre 2014 e 2016.

4.3 *Reputation* (reputação): A Era da Reinvenção

Após se afastar por completo da cena pública, Taylor retornou em 2017, deletando todos os posts de suas redes sociais e reinaugurando-as com a promoção do seu novo álbum, “*Reputation*”; ela também cortou as relações com a imprensa, divulgando seu novo trabalho pela internet, com vídeos sobre as novidades do álbum, para estimular a curiosidade do público, como o processo de composição das músicas e as sessões secretas para que os fãs conhecessem o álbum.

A cantora se reinventou, apostando no pop mais uma vez, e aproveitando a má repercussão da briga com Kanye West e Kim Kardashian para criar uma versão diferente de si, assumindo a má reputação que havia sido construída em torno de si. Em 2016, Kim usou emoji de cobras para fazer referência a ela, elemento que passou a fazer parte dos posts nas redes e do visual da sua turnê.

Apesar do distanciamento dos veículos, ela alimentou a mídia ao construir a narrativa à sua maneira, utilizando os formatos que achou interessante. Ela teve sucesso. O primeiro post da sua volta ao *Instagram* teve mais de 12 milhões de visualizações e o single “*Look What You Made Me Do*” alcançou o primeiro lugar da *Billboard Hot 100*. A *Reputation Stadium Tour* arrecadou mais de 345 milhões de dólares, se tornando a turnê feminina de maior arrecadação dos EUA. Além disso, um especial foi lançado exclusivamente na *Netflix*, com o show completo gravado no estado do Texas (TAYLOR SWIFT BRASIL).

No prólogo do álbum, a cantora reflete sobre sua relação com a mídia e a leitura que era feita sobre ela:

Eu tenho uma vida pública desde os 15 anos de idade. O lado bonito e fascinante disso é que tenho a sorte de viver da música e olhar para multidões de pessoas queridas e animadas. O outro lado da moeda é que meus erros foram usados contra mim, as dores dos meus términos foram usadas como entretenimento e minhas composições foram banalizadas como ‘pessoais demais’. Quando este álbum sair, blogs de fofoca vão vasculhar as letras procurando os homens que eles acham que podem atribuir a cada canção, como se a inspiração para música fosse tão simples e básica quanto um teste de paternidade. Haverá slides com fotos apoiando cada uma das teorias incorretas, por que é 2017 e, se você não viu uma fotografia, não pode ter acontecido, certo? Deixa eu dizer mais uma vez, mais alto para aqueles que estão no fundo... Nós achamos que conhecemos alguém, mas a verdade é que nós só conhecemos a versão de si mesmo que essa pessoa escolhe nos mostrar. Não haverá mais explicação. Haverá apenas reputação. (TAYLOR SWIFT BRASIL, 2017)

O primeiro contato com a imprensa foi na capa *Taylor Remade* e sessão de fotos para a VOGUE Britânica. No entanto, Taylor não concedeu entrevista, apenas compartilhou um poema que refletia sobre a sua reinvenção. Em seguida, Taylor foi uma das pessoas escolhidas como *Person Of The Year* na capa da revista *Time*. Ao seu lado estavam Ashley Judd, uma das primeiras mulheres a acusar o diretor Harvey Weinstein sobre abusos; e também Susan Fowler, Adama Iwu e Isabel Pascual, que se posicionaram em suas respectivas indústrias contra assédio sexual (RICH, 2017).

Figura 16 - Taylor Swift na Time como uma das Pessoas do Ano (2017)



Fonte: Time

O caso de Taylor aconteceu em 2013, quando a cantora tirou uma foto com o DJ David Mueller após uma entrevista e ele colocou a mão em suas nádegas, por debaixo de sua saia. Ela denunciou Mueller para a rádio em que ele trabalhava, a qual

conduziu uma investigação e o demitiu. Em seguida, o DJ a processou por difamação; ela rebateu, exigindo 1 dólar simbólico - e ganhou (DOCKTERMAN, 2017).

Este foi um ponto de virada que pode ter impactado, inclusive, no acolhimento ao feminismo por parte de Taylor. No documentário, ela comenta: “Estava furiosa por ter que estar lá, por isso acontecer com as mulheres, por pessoas serem pagas para antagonizar as vítimas, por todos os detalhes terem sido distorcidos.”

No julgamento, Swift não se deixou ser intimidada ou culpada pelo acontecimento – e até mesmo pela demissão de seu abusador. Mesmo com diversas testemunhas no local e uma foto do momento, o advogado a acusou e ao seu time de estarem mentindo, inclusive sua mãe. Em resposta, ela disse: “Não vou permitir que você ou seu cliente me façam sentir de forma alguma que isso é minha culpa”. Para a revista *Time*, Taylor declarou que até o julgamento ela havia sofrido escrutínio das mídias e de *haters* da internet, que pensavam que ela estava processando o DJ e reforçou a importância das denúncias e do movimento das denúncias:

As mulheres e homens corajosos que se apresentaram este ano moveram a agulha em termos de deixar as pessoas saberem que esse abuso de poder não deve ser tolerado. Ir à Justiça para enfrentar esse tipo de comportamento é uma experiência solitária e desgastante, mesmo quando você ganha, mesmo quando tem capacidade financeira para se defender. Embora a conscientização sobre o assédio sexual no local de trabalho esteja mais alta do que nunca, ainda há muitas pessoas que se sentem vitimizadas, com medo e silenciadas por seus agressores e pelas circunstâncias. Quando o júri decidiu a meu favor, o homem que me agrediu sexualmente recebeu ordem do tribunal para me dar um simbólico \$ 1. Até hoje ele não me pagou aquele dólar, e acho que esse ato de desafio é simbólico em si. (DOCKTERMAN, 2017)

A coragem de Taylor, sua honestidade e linguagem crua durante o julgamento foram reconhecidas pela mídia e pelo público. Além disso, foi ressaltada a importância do posicionamento de uma celebridade sobre o tema, tanto para mulheres comuns que passam por isso quanto para colegas da indústria. Em 2016, Swift doou 250 milhões de dólares para a cantora Kesha, que estava processando um produtor também por abuso sexual e doou uma quantia à organização *Joyful Heart Foundation*, que ajuda vítimas de agressão sexual (ESTADÃO, 2017).

Figura 17 - Matéria na BBC elenca pontos que destacam a significância do caso de Taylor (2017)

Taylor Swift sexual assault case: Why is it significant?

© 15 August 2017



Fonte: BBC.

Figura 18 - Matéria no jornal *The New York Times*: "Taylor Swift falou. Sobreviventes de abuso sexual estavam ouvindo" (2017)

The New York Times

Taylor Swift Spoke Up. Sexual Assault Survivors Were Listening.



Taylor Swift's blunt words about being groped by a radio host have caught the attention of lawyers and others who work with sexual assault survivors. Suzanne Cordetro/Agence France-Presse — Getty Images

Fonte: The New York Times.

O caso de assédio e o isolamento da mídia também foram um alerta para que Taylor se posicionasse de forma mais aberta sobre suas preferências políticas. Até então, ela havia sido criticada por não ter apoiado Hillary Clinton nas eleições contra Donald Trump em 2016. O editor do site *Popfront*, Meghan Herning, publicou um artigo declarando que a cantora apoiava supremacistas brancos por meio de imagens e retórica do vídeo de "*Look What You Made Me Do*". Ela respondeu por meio de uma carta feita por seu advogado, a qual alegava que o fato de ela não ter feito campanha para Clinton não significava que ela era uma supremacista branca (HELLER, 2018).

Em *Miss Americana*, Taylor se mostra arrependida sobre seu comportamento nas eleições: "Na próxima oportunidade que houver de mudar qualquer coisa, é

melhor você saber o que defende e o que quer dizer”. O primeiro movimento que Swift fez nesse sentido foi oposição a uma candidata ao senado do seu estado, Tennessee, Marsha Blackburn. A candidata republicana apoiava Donald Trump, havia votado contra leis de equidade salarial e de combate à violência contra a mulher, além de discriminar a comunidade LGBTQIA+. Além de confrontar a candidata conservadora por meio de um post no *Instagram*, Taylor declarou apoio aos candidatos democratas Phil Bredesen e Jim Cooper. Mesmo com suas manifestações, Blackburn foi eleita.

Ela também encorajou seus fãs, cuja grande parcela é jovem, a se registrarem para votar - já que nos Estados Unidos o voto não é obrigatório. De acordo com a diretora de comunicações do *Vote.org*, Kamari Guthrie, 65.000 novos registros para votar e 155,940 visitas únicas foram feitos 24h após o post de Taylor (ROSENBAUM e BLACKMON, 2018).

Em *Miss Americana*, é possível ver o debate que Taylor teve com sua equipe - entre eles, seu pai - ao decidir se posicionar sobre questões políticas. Além da preocupação com sua segurança, a reação do público, da mídia e o impacto em seus negócios seriam riscos a serem assumidos. Taylor declarou: “Lamento não ter feito isso há dois anos, mas já passou. Agora estou dizendo que isso é o certo, e preciso estar do lado certo da história.”

O momento em que ela faz o post mostrado no documentário, com sua mãe e Relações Públicas, ela relata não estar preocupada com a imprensa:

Se a mídia me criticar por dizer: 'não coloquem uma racista homofóbica no cargo, então podem criticar'. Acho que é tão clichê e covarde da minha parte subir no palco e dizer 'Feliz mês do orgulho, gente' e não dizer isto quando alguém quer acabar com eles.

Figura 19 - Post de Taylor em oposição a Marsha Blackburn e em apoio às eleições (2018)



Fonte: Instagram de Taylor Swift.

Além de se posicionar nas redes, Taylor mencionou o assunto ao ganhar o prêmio de *Artist of The Year* no *AMA's*, encorajando as pessoas a votarem novamente: “Este prêmio e todos os prêmios dados hoje à noite foram votados pelo povo, e você sabe o que mais é votado pelo povo? São as eleições de meio de mandato em 6 de novembro. Saia e vote” (SCHWARZ, 2018).

É perceptível que a experiência pessoal de Swift foi crucial para que ela começasse a se posicionar de maneira mais contundente sobre questões de gênero e expressar suas opiniões. Nessa fase, ela abandona todo o receio que possuía enquanto cantora country para lutar pelo que acredita de forma aberta, aproveitando seu alcance para contribuir com mudanças nos temas de violência sexual e representatividade política. A partir de então, ela passa a abordar o machismo e a política explicitamente também em seus trabalhos artísticos, como veremos no próximo tópico.

4.4 *You're my Lover* (você é meu amado): ode ao amor

O sétimo álbum de Taylor, “*Lover*”, foi lançado em 2019, chegou a 3 milhões de vendas na primeira semana de comercialização. Com tons pastéis, muito rosa e, como sempre, músicas sobre amor, Taylor se desfez da amargura da era de

“*reputation*”. Além de marcar uma evolução pessoal para Taylor, o CD se tornou muito importante profissionalmente: ela mudou de gravadora para a *Republic Records* (TAYLOR SWIFT BRASIL).

A *Big Machine Records* foi comprada por Scooter Braun, um produtor musical que trabalhava com Kanye West. Assim, os direitos dos seis álbuns anteriores passaram para ele. Taylor fez uma carta aberta em seu *Tumblr* para comentar a situação, em que contou que os direitos de suas obras só seriam cedidos se ela assinasse um novo contrato, a cada novo trabalho que entregasse; ela pediu que os fãs se manifestassem no intuito de reverter a situação. Ela também ressaltou que Braun participou do linchamento virtual quando houve o desentendimento com Kanye e Kim, convencendo seus clientes a fazer posts zombando da situação – no caso, o cantor Justin Bieber, que participou da produção de “*Famous*”. “Agora Scooter tem me despedido da minha obra e eu nem tive a oportunidade de comprá-la. Essencialmente, meu legado musical está prestes a pertencer a alguém que tentou o destruir” (TAYLOR SWIFT BRASIL).

O caso culminou na primeira música em que Taylor aborda questões de gênero de forma explícita; em “*The Man*”, ela imagina como seria sua vida se ela fosse um homem, apontando as vantagens em relação à vida pessoal e ao mercado de trabalho: “Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo, imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem”.

O vídeo da música, dirigido por ela, traz diversas críticas: o modo com que a mídia trata as mulheres; o fato de algumas indústrias serem dominadas por homens; a diferença de tratamento para homens que ficam com várias pessoas, sendo glorificados, enquanto mulheres são condenadas; como pais são venerados por fazerem o mínimo enquanto mães sofrem carga mental e as mães solo são julgadas; a leitura distinta que é feita quando homens e mulheres ficam bravas - a cena é uma referência a um caso de Serena Williams, quando a tenista foi criticada por se exaltar; como as expectativas sobre as mulheres se resumem à sua aparência. Além de todos esses pontos, a cantora fez referência ao caso com Scooter e a perda dos direitos dos seus álbuns, visualmente e ao se dar créditos por todas as funções exercidas no vídeo.

Figura 20 - Em "The Man", de 2020, Taylor critica a leitura da mídia sobre mulheres. A pergunta "Qual homem ganhou o ano por namorar celebridades?" estampa a manchete do jornal



Fonte: Canal do YouTube de Taylor Swift.

Figura 21 - A parede faz menção a todos os seus álbuns e proíbe patinetes - um trocadilho com o nome de Braun, pois patinete se escreve "Scooter" em inglês



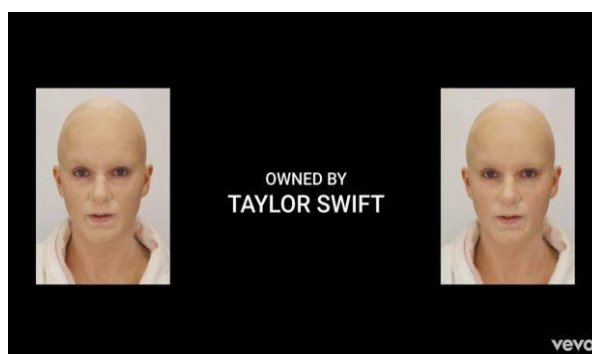
Fonte: Canal do YouTube de Taylor Swift.

Figura 22 - A explosão de Serena Williams na final do US Open 2018 foi inspiração para abordar a leitura que é feita de mulheres que não se comportam como o esperado



Fonte: Canal do YouTube de Taylor Swift.

Figura 23 - Mais uma referência ao caso com Scooter Braun, lembrando que agora todos os seus trabalhos serão de sua propriedade

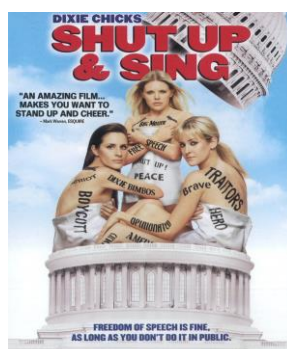


Fonte: Canal do YouTube de Taylor Swift.

No AMAs 2019, Taylor foi homenageada como artista da década. Antes do evento, ela foi em suas redes sociais pedir apoio aos fãs, pois Scooter Braun e Scott Borchetta não liberaram que ela fizesse um *medley* das músicas de sua carreira. A #IStandWithTaylor (eu estou ao lado de Taylor, tradução nossa) ficou em primeiro lugar nos tópicos mais comentados do Twitter; além de fãs, colegas da indústria se manifestaram em apoio à Swift.

A cantora iniciou a apresentação com “*The Man*”, e vestia uma roupa que tinha todos os nomes de seus álbuns estampados, com destaque para “*Speak Now*” e “*Fearless*”. O figurino foi inspirado na capa do documentário das *Dixie Chicks*: “*Shut Up and Sing*”. Além disso, a cantora tem uma música no álbum com participação da banda country. Com esse movimento, Taylor se posiciona sobre o ostracismo que a banda sofreu nos anos 2000. Um dos parceiros musicais dela, Jack Antonoff, está trabalhando com elas em seu primeiro álbum em 13 anos (SCHONTER, 2019).

Figura 24 - Capa do documentário das Dixie Chicks, inspiração do figurino de Taylor no AMA's



Fonte: Wikipedia.

Figura 25 - Apresentação de Artista da Década no AMAs 2019



Fonte: Canal do YouTube de Taylor Swift.

Ainda em 2019, Swift foi homenageada como *Woman of the Decade* pela *Billboard*. Em um discurso de 15 minutos, ela abordou o caso com Braun e os desafios de ser uma mulher na indústria da música, no palco ou em outras funções, já que homens ganham espaço mais facilmente. Ela também ressaltou que o apoio recebido nesse momento veio de outras mulheres, sendo grata à sororidade das colegas.

Nos últimos 10 anos, tenho visto mulheres nesta indústria serem criticadas e avaliadas umas pelas outras e escolhidas por seus corpos, suas vidas românticas, sua moda, ou você já ouviu alguém dizer sobre um artista masculino, eu realmente gosto as canções dele, mas não sei o que é, há algo nele que eu não gosto? Não! Essa crítica está reservada para nós! (...)
E a coisa mais incrível foi descobrir que seriam as mulheres em nossa indústria que me apoiariam e me mostrariam o maior apoio vocal em um dos momentos mais difíceis, e eu nunca, jamais esquecerei. Como sempre. (BILLBOARD, 2019)

Além de tomar partido sobre o machismo, Taylor defendeu a comunidade LGBTQIA+ em “*You Need To Calm Down*”, lançada no mês do orgulho. Com um elenco formado por personalidades queers, a cantora faz referência à GLAAD – organização por direitos LGBTQIA+ – o que culminou em um aumento de doações na época do lançamento do clipe. Além do vídeo, a cantora se apresentou no *Stonewall Inn* – histórico bar onde protestos aconteceram na década de 60 pela libertação da comunidade. Fez um chamado no fim do vídeo para que as pessoas assinassem a petição pela Lei da Equidade e fez uma doação de 113 mil dólares para o *Tennessee Equality Project*, que luta por direitos LGBTQIA+ (MCDERMOTT, 2019).

A cantora também fez um post com uma carta dirigida ao senador Lamar Alexander, pedindo seu apoio na Lei da Equidade.

Figura 26 - Carta aberta ao senador Lamar Alexander pedindo apoio à Lei da Equidade (2019)



Fonte: Instagram de Taylor Swift.

Se comparada a outras artistas de sua geração, Taylor demorou demais para demonstrar apoio à comunidade. Lady Gaga, por exemplo, lançou a canção “*Born This Way*” em 2012, acolhendo as pessoas da comunidade e tornando-se um símbolo de representatividade, por ser uma cantora bissexual. Por isso, Swift recebeu críticas, uma vez que esperou a população do país estar mais aberta para demonstrar seu apoio.

Em uma entrevista à *Vogue*, a cantora comentou que apenas quando Todrick Hall, um dos artistas LGBTQIA+ que participa do vídeo a perguntou “e se seu filho fosse gay?” ela percebeu que seu apoio não estava sendo direto. E por que fazer isso agora? “Não percebi até recentemente que poderia defender uma comunidade da qual não faço parte. É difícil saber como fazer isso sem ter tanto medo de cometer um erro que você simplesmente congela. Porque meus erros são muito altos” (AGUIRRE, 2019).

No vídeo, ela também faz as pazes com Katy Perry, depois de anos alimentando a rixa, eternizando um momento de sororidade no vídeo. Tal ato foi considerado uma distração do foco principal, que seria se posicionar contra a LGBTfobia. Uma vez que os tablóides acabaram focando na reconciliação das artistas. Além disso, a cantora comparou o ódio que recebeu pela internet com o que pessoas LGBTQIA+ sofrem, como se a perseguição fosse equivalente. (MCDERMOTT, 2019)

“*You Need to Calm Down*” foi premiado como Vídeo do Ano no VMA, cuja votação é popular e mencionou mais uma vez a petição da Lei da Equidade: “Nós

merecemos direitos iguais sob a lei. Quero agradecer a todos que assinaram a petição porque tem meio milhão de assinaturas, o que representa cinco vezes a quantia necessária para garantir uma resposta da Casa Branca". No dia seguinte, a Casa Branca comunicou que o Presidente Trump se opõe a qualquer tipo de discriminação, mas que não apoiaria o projeto.

Em 31 de janeiro de 2020, estreou o documentário *Miss Americana* na Netflix, que aborda toda a caminhada de Taylor e momentos indicados anteriormente nesse texto. A sinopse do filme já indicava que a cantora traria sua visão não só como artista, mas como mulher e cidadã: "Neste documentário revelador, Taylor Swift assume seu papel de compositora e cantora e de uma mulher que sabe usar todo o poder da sua voz."

Dentre outros pontos que foram abordados pelo documentário, destaca-se a relação de Taylor com seu próprio corpo e imagem. Pela primeira vez, a cantora fala ao público sobre distúrbios alimentares, lembrando que passou por fases difíceis que foram agravadas pela cobertura midiática, dos constantes paparazzis a perseguindo até declarações sobre seus relacionamentos.

A cantora também ressalta como o nível do trabalho de artistas mulheres precisa ser sempre elevado, e como é importante que elas se reinventem, apresentando novidades e boa qualidade:

Há muito o que processar, porque existimos nesta sociedade em que as artistas mulheres são descartadas num cemitério de elefantes quando fazem 35 anos. Todo mundo é um brinquedo novo por 2 anos. As artistas mulheres que conheço se reinventaram 20 vezes mais que os artistas homens. São obrigadas. Ou perdem o emprego. (MISS AMERICANA, 2020)

Junto ao lançamento do documentário, foi lançada a canção "*Only The Young*", em que a cantora revela sua frustração com a política norte-americana e coloca sua esperança nas novas gerações: "Eles não irão nos ajudar, estão muito ocupados ajudando a si mesmos. Eles não irão mudar isso, precisamos fazer isso nós mesmos. (...) Só uma coisa pode nos salvar, apenas os jovens."

A era "*Lover*" foi importante para Taylor reforçar sua posição contra o machismo, frente à batalha sobre os direitos de suas músicas e para começar a abraçar outras causas de modo mais potente. As críticas feitas ao vídeo de "*You Need to Calm Down*" também apontam uma necessidade de a cantora continuar se educando sobre pautas LGBTQIA+ para ser uma aliada mais forte, para que seu apoio

seja visto como mero marketing. Entretanto, suas outras atitudes como as doações e a tentativa de se comunicar com políticos, mostram que a cantora está aberta a contribuir com mudanças mais efetivas.

Ao longo de 2020, ela continua se manifestando em prol de causas sociais, como o movimento *#BlackLivesMatter*. Por meio de suas publicações, é perceptível que Taylor tem tentado se educar sobre o assunto para assumir uma posição anti-racista; ela também ressalta que saber escolher seus líderes é fundamental para combater o problema.

Figura 27 - Taylor se posiciona sobre monumentos racistas no Tennessee (2020)



Fonte: Instagram de Taylor Swift

Figura 28 - Taylor se posicionou quanto ao #BlackLivesMatter e frisou a importância das eleições 2020



Fonte: Twitter de Taylor Swift

Figura 29 - Repost de um vídeo sobre o “Dia da Liberdade”, em que escravos foram emancipados



Fonte: Instagram de Taylor Swift.

Swift segue fazendo oposição a Donald Trump, que está concorrendo à reeleição, para não repetir o erro que cometeu no passado de não se posicionar sobre eleições presidenciais. Ela apoiou o candidato democrata Joe Biden publicamente, por meio de suas redes sociais; além disso, ela cedeu a música “*Only The Young*” para a campanha do candidato. A cantora também fez alguns *stories* sobre como as pessoas podem se registrar para votar e ressaltou a importância da votação por correio, devido a pandemia no novo coronavírus. À *V Magazine*, a cantora declarou:

A mudança de que mais precisamos é eleger um presidente que reconheça que as pessoas de cor merecem se sentir seguras e representadas, que as mulheres merecem o direito de escolher o que acontece com seus corpos e que a comunidade LGBTQIA+ merece ser reconhecida e incluída. Todos merecem um governo que leve a sério os riscos globais à saúde e coloque a vida de seu povo em primeiro lugar. A única maneira de começar a tornar as coisas melhores é escolher líderes que estejam dispostos a enfrentar esses problemas e encontrar maneiras de lidar com eles. Vou votar com orgulho em Joe Biden e Kamala Harris na eleição presidencial deste ano. Sob a liderança deles, acredito que a América tem a chance de iniciar o processo de cura de que tanto necessita. (ROSENZWEIG, 2020)

Essa fala de Taylor demonstra uma preocupação com a interseccionalidade, ao fazer menção às pessoas negras, mulheres e LGBTQIA+. Mais uma vez, ela destaca que as lideranças são fundamentais para lidar com as opressões sofridas por essas minorias. Assim, é possível perceber que ela tem compreendido que as origens de tais vulnerabilidades são estruturais.

Figura 30 - Taylor celebra a chapa Biden-Harris (2020)



Fonte: Twitter de Taylor Swift.

Figura 31 - Taylor critica Trump abertamente, quanto sua postura no coronavírus e sua tentativa de desmantelar os correios, que terão um papel importante na eleição devido a pandemia (2020)



Fonte: Twitter de Taylor Swift.

Figura 32 - Taylor na capa da V Magazine, endossando a candidatura de Joe Biden e apoiando Kamala Harris em sua participação no debate dos vices-presidentes (2020)



Fonte: Instagram de Taylor Swift.

Em julho de 2020, Swift lançou seu oitavo álbum, “*Folklore*”. Ela anunciou o disco horas antes de soltá-lo nas plataformas de *streaming* através de um tweet, ocupando o primeiro lugar de álbuns vendidos da *Billboard*. O álbum vendeu 615 mil cópias nas duas primeiras semanas pós-lançamento, o suficiente para torná-lo o álbum mais vendido do ano. Deste modo, Taylor prova mais uma vez o poder de seu trabalho, sem fazer turnê de divulgação ou contar com assessoria de imprensa, apostando apenas com divulgações em suas redes sociais. Pela primeira vez, a cantora também apostou no estilo *folk*, e mesmo pisando em território desconhecido, conseguiu sucesso (MCINTYRE, 2020). Ela seguiu se manifestando sobre machismo em “*Mad Women*”: “E não há nada como uma mulher louca, que pena que ela ficou louca. Ninguém gosta de uma mulher louca, você a deixou assim”.

4.5 Swifties: A Relação Com os Fãs

Desde o início de sua carreira, Taylor mantém uma conexão muito próxima com os fãs, conhecidos como *Swifties*. Nos primeiros anos, o vínculo se dava por meio das histórias em suas canções, que geravam identificação, e por meio de mensagens secretas nos encartes dos álbuns. Além disso, ela era uma usuária assídua do *MySpace*, rede social em que compartilhava fotos e interagia com os fãs. Recentemente, Taylor entrou para o *Tumblr*, rede social através da qual ela interage com os fãs sobre suas vidas, confirma teorias sobre canções e troca mensagens constantemente (TILCHEN, 2019).

Nos primeiros anos de turnê, nas turnês de *Fearless* e *Speak Now*, Taylor oferecia uma festa pós-show para ter um momento de *meet and greet* mais elaborado – e gratuito. Alguns fãs eram selecionados por sua mãe, por se destacarem com suas roupas, fantasias e caracterizações. Esses tinham a oportunidade de passar algumas horas com Taylor na *T Party* (TILCHEN, 2019).

Na era *Red*, surge uma nova tradição: Taylor criou sessões secretas para apresentar o álbum a um grupo de fãs, escolhido por meio das redes sociais. O evento ocorre na sua casa, em um momento íntimo no qual ela conta as histórias e detalhes sobre as produções das músicas. As sessões secretas e as festas pós-shows têm sido feitas em todas as eras desde então, adaptando-se a cada era, como o *Club Red*, *Loft 89* e *Rep Room* (TILCHEN, 2019).

Além dessas interações virtuais e presenciais, Swift também é conhecida por ajudar fãs que estão em situações de dificuldades financeiras, pagando mensalidades da faculdade, aluguel ou gastos com saúde (TILCHEN, 2019).

Figura 33 - Rep Room



Fonte: ABC News.

4.6 *Epiphany* (epifania): O Desenvolvimento de Taylor

Ao analisar a trajetória de Taylor Swift, vemos que a cantora passou por diversas transformações: ela tornou-se uma referência de cantora bem-sucedida, que sabe se relacionar com os fãs, e passou a defender pautas minoritárias. A linha narrativa do documentário *Miss Americana* é pensada para destacar o nascimento da postura ativista de Taylor, que deixa de ser a querida cantora country para uma mulher que se expressa sobre o que acredita.

A vida pessoal e profissional da artista se misturam, pois ela enfrenta questões de gênero em relação à sua vida privada e em sua trajetória como artista. Desde sofrer um caso de assédio sexual em um evento até perder os direitos de suas músicas para um empresário. A exposição midiática também é um fator importante: a cantora teve a maior parte da sua vida exposta, analisada, sujeita às críticas. De acordo com Marshall (2006), os artistas dependem da mídia para alcançar poder e compartilham sua intimidade pública para manter o público interessado.

Taylor foi julgada e cancelada, tanto pela mídia quanto pelo grande público, em diversos episódios de sua trajetória, citados nos tópicos anteriores. Para Douthat (2020), ao mesmo tempo que as celebridades estão mais sujeitas a serem canceladas, o apoio de seus fãs ajuda a barrar o cancelamento. A leitura sobre Swift varia de acordo com cada público e momento, pois Swift teve apoio do público em geral no decorrer do julgamento do caso de assédio sexual e na batalha com Scooter Braun.

A cantora merece créditos pela maneira que se reinventou a cada era, aprimorando seu trabalho musical e por administrar essa relação com diferentes públicos de interesse. A tática ousada de deletar todas as postagens de seu Instagram, o corte da relação com a imprensa por um determinado período, o cultivo de uma relação próxima e duradoura com os fãs e o engajamento com pautas sociais demonstram como Swift soube se adaptar a cada fase de sua vida. A cantora agiu estrategicamente para promover seu trabalho e dar menos luz à sua vida pessoal quando achou necessário.

Para Rojek (2008), o distanciamento físico faz com que a conexão com os fãs se dê por um relacionamento imaginário; no entanto, Taylor se esforça digitalmente e com ações presenciais para manter uma relação de amizade com os *swifties*. A

pluralidade também é algo notável: a cantora navega em várias esferas para se comunicar com os públicos. Por meio de seus trabalhos artísticos, aproveitando a potência da música, de videoclipes e de alguns detalhes, como encartes dos álbuns, ela desperta curiosidade, cria vínculos, compartilha sua vida com os fãs, e declara as mensagens que deseja.

Por declarações à imprensa, publicações nas redes sociais e discursos em premiações, ela faz essa ponte de modo mais explícito. O documentário na *Netflix* também aponta que a cantora está atenta nas tendências, fazendo parcerias estratégicas para se conectar com o público e destacar seu trabalho. Nos últimos anos, as pautas de diversidade foram incorporadas, também respondendo a uma necessidade do grande público.

Essa mudança se deve às expectativas da audiência, que está atenta e passa a expressar suas opiniões, em especial no ambiente digital, e busca representatividade nos meios culturais que consome. Para Guareschi (2008), a repercussão das delimitações de diferenças repercute na sociedade produz sujeitos que se reconhecem a partir de determinadas posições. Essa foi a brecha para que celebridades se posicionassem sobre questões sociais, desafiando até mesmo pilares de negócios. Para Taylor, isso significou ir contra seus acionistas - entre eles, seu pai - se expressando sobre machismo e política. No entanto, além de questões de negócios, a própria evolução pessoal está enraizada como condição para abarcar as pautas de diversidade. Como hooks (2018) declara: “antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas”.

Para um artista, no que tange às pautas minoritárias, é necessário ter uma escuta ativa, para incorporar as críticas e produzir trabalhos cada vez mais coerentes com o que o público espera, para que ele se sinta representado verdadeiramente. Como Holanda (2018, p. 148) coloca: “para uma feminista branca, é antes de mais nada importante promover um tipo de escuta, sem abrir mão de seu próprio ‘lugar de fala’”.

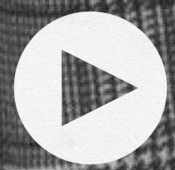
Além da expressão artística, também é esperado que a cantora se atente às pautas que permeiam as demais esferas da vida de seus fãs, para que não reproduza sexismo ou qualquer outro tipo de preconceito. Consistência é importante para que o posicionamento não passe de um discurso vazio: em trabalhos, vida pessoal e na esfera política. Esse alerta é necessário para Swift, uma mulher hétero, branca e

privilegiada, mas que pode ser uma aliada e que tem um grande alcance e possibilidades de contribuir com mudanças.

Entre pontos positivos em sua atuação neste sentido, estão doações financeiras que ela faz para a causa e a tentativa de endereçar problemas para políticos, aproveitando sua visibilidade para contribuir com mudanças mais estruturais. Nos pontos negativos, temos o fato de Taylor ter reproduzido machismo anteriormente e ainda fazer algumas representações clichês em suas produções audiovisuais. Em contrapartida, a cantora parece estar aberta ao diálogo e tenta exercer uma escuta ativa, se educando sobre as temáticas de diversidade como um todo.

**END
GAME**

Conclusão



5. **END GAME**(JOGADA FINAL): **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Celebridades têm uma presença importante nas nossas vidas, especialmente pela exposição midiática que é feita em torno de seus trabalhos e de suas vidas pessoais. A cultura da celebridade passa por transformações, se adaptando aos acontecimentos contemporâneos; assim, a relação com o público e a mídia é impactada.

De todo modo, é fundamental que uma celebridade saiba se relacionar com seus públicos de interesse, gerenciando crises, criando vínculos com seus fãs e lidando com os *haters* ou cancelamentos promovidos com a ajuda da mídia. A atuação do Relações Públicas é essencial ao trabalhar em conjunto com a celebridade, destacando seus atributos, promovendo seus trabalhos e mediando as relações com o público e a imprensa.

Dentre as pautas de diversidade, o feminismo possui uma atuação que se dá muito antes do movimento ter sido fundado. Grupo de mulheres se destacam em movimentos políticos, da Revolução Francesa aos protestos contemporâneos, como os que ocorreram contra Trump e Bolsonaro, com cada fase buscando por direitos. Apesar dos avanços nos direitos das mulheres, o machismo ainda se faz presente, há controvérsias sobre o movimento feminista que é lido como “anti-homem” e a mídia ainda tem uma ótica sexista. Assim, o feminismo ainda se faz necessário e a interseccionalidade é essencial, para que diversos grupos minoritários sejam contemplados no feminismo.

Há várias formas de protestar e as minorias se organizam e produzem conhecimento para se expressarem frente às opressões, recorrendo, muitas vezes, à arte para promover mudanças culturais e políticas. Desse modo, elas buscam ser representadas em diversas esferas, como a cultura. Com as pautas minoritárias ganhando mais relevância, os artistas se adaptaram e passaram a se expressar sobre seus ideais, impactando a consciência do público e contribuindo para que mudanças sociais e políticas aconteçam. Além de trabalhos artísticos mais inclusivos, também ocorrem movimentações para que a indústria seja transformada, como os movimentos *#MeToo* e *Time's Up*.

Ao observar a linha do tempo de Taylor Swift, percebemos que ela deixa de compartilhar apenas sua vida íntima, que era tão especulada pela mídia e desejada

pelo público. A cantora cresceu, quebrando estereótipos de gênero e enfrentando a dominação masculina em sua vida, além de aprender como exercer a sororidade com suas colegas da indústria. A experiência pessoal da artista foi a catalisadora da sua consciência feminista e demais pautas de diversidade, fazendo com que ela deixasse uma postura omissa para trás e se tornasse uma das artistas a defender pautas minoritárias, por meio de suas músicas, vídeos e demais formas de expressão.

6. REFERÊNCIAS

#METOO E TIME'S UP: entenda as iniciativas de Hollywood contra o assédio. **UOL**. Disponível em: <https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/19/metoo-e-times-up-entenda-as-iniciativas-da-hollywood-contra-o-assedio.htm>. Acesso em 17/09/2020.

ABAD-SANTOS, Alex. Kim Kardashian's Taylor Swift-Kanye West Snapchat story, explained. **VOX**. 2016 Disponível em: <https://www.vox.com/2016/7/18/12210858/kim-kardashian-taylor-swift-snapchat-kanye-west>. Acesso em: 22/10/2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **TODOS devemos ser feministas**. Euston, 2017. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt-br. Acesso em: 18/09/2020.

AGUIRRE, Abby. **Vogue**. 2019. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/taylor-swift-cover-september-2019>. Acesso em: 02/11/2020.

AMARAL, Fernanda. O FENÔMENO DO FEMINISMO POP DO INÍCIO DO SÉCULO XXI: um movimento de consumo ou estratégia de combate e ruptura? **Novos olhares sociais**, UFRB, Vol. 2 – n. 2 – 2019, p. 35-54, 30 ago 2019. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/viewFile/477/223>. Acesso em: 11/09/2020.

BANDEIRA, Jessica. 2017. **Valkirias**. Disponível em: <http://valkirias.com.br/jane-fonda-e-o-ativismo-um-lado-pouco-conhecido/>. Acesso em: 18/09/2020.

BATALHÃO DE MUSAS estrela novo clipe de Taylor Swift. 2015. **GQ**. Disponível em: <https://gq.globo.com/Musa/noticia/2015/05/batalhao-de-musas-estrela-novo-clipe-de-taylor-swift.html>. Acesso em: 20/10/2020.

Beyoncé e Taylor choraram nos bastidores do VMA após invasão de Kanye. **Beyhive**. Disponível em: <https://www.beyhive.com.br/noticia/2017/06/beyonce-e-taylor-choraram-nos-bastidores-do-vm-a-apos-invasao-de-kanye.html>. Acesso em: 17/10/2020.

Beyoncé lança música “Black Parade” e projeto em apoio ao movimento negro. 2020. **CLAUDIA**. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/beyonce-lanca-musica-black-parade-e-projeto-em-apoio-ao-movimento-negro/>. Acesso em: 18/09/2020.

BOURDIEU, Pierre **A dominação masculina/Pierre**. Kühner. 11º ed. Rio de Janeiro, 2002.

BUCKINGHAM, Will. **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003[1990].

BUZZFEED. How Taylor Swift Played The Victim For A Decade And Made Her Entire Career. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/elliewoodward/how-taylor-swift-played-the-victim-and-made-her-entire-caree> . Acesso em 23/10/2020.

CARDOSO, Bia. Apresentação de Beyoncé no VMA foi o momento feminista que eu estava esperando. **Portal Geledés**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/apresentacao-de-beyonce-vma-foi-o-momento-feminista-que-eu-estava-esperando/>. Acesso em: 18/09/2020.

CASA BRANCA RESPONDE a discurso de Taylor Swift sobre igualdade LGBTQ em premiação: "não iremos apoiar". **MONET**. 2019. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Noticias/noticia/2019/08/casa-branca-responde-discurso-de-taylor-swift-sobre-igualdade-lgbtq-em-premiacao-nao-iremos-apoiar.html>. Acesso em: 03/11/2020.

DOCKTERMAN, Eliana. 'I Was Angry.' Taylor Swift on What Powered Her Sexual Assault Testimony. Disponível em: <https://time.com/5049659/taylor-swift-interview-person-of-the-year-2017/>. Acesso em: 27/10/2020.

DOUTHAT, Ross. 10 Theses About Cancel Culture. **NYtimes**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/14/opinion/cancel-culture-.html>. Acesso em: 27/09/2020.

FEMINISMO NO BRASIL. **Azmina**. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 15/09/2020.

FIGUEIREDO, Livia; TUZZO, Simone. Célebre Mídia Local e o Imaginário Social. **Intercom**. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2148-1.pdf>>. Acesso em: 29/09/2020.

FISKE, J. 'The Cultural Economy of Fandom', in: L. A. Lewis (ed.) **The Adoring Audience**, London: Routledge.1992. Disponível em: <https://paas.org.pl/wp-content/uploads/2014/07/Fiske.pdf>. Acesso em: 11/09/2020.

FRANÇA, Vera ; SIMÕES, Paula. **Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea**. E-compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), jan-dez, publicação contínua, 2020, p. 1-25.

FREIRES, Luan. **Veja SP** 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/musica-shows/seis-anos-depois-de-briga-taylor-swift-e-kanye-west-fazem-as-pazes-no-palco-do-vma-2015/>. Acesso em: 22/10/2020.

GERALDO, Nathália. Sororidade entre mulheres: o que é esse comportamento e como praticar. **UOL**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/16/sororidade.htm>. Acesso em: 08/11/2020.

GIRÃO, Luisa. **EGO** 2016. Disponível em: <http://ego.globo.com/musica/noticia/2016/02/taylor-swift-alfineta-kanye-west-durante-discurso-no-grammy.html>. Acesso em: 22/10/2020.

GRADY, Constance. **Vox**. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/2020/3/21/21189239/taylor-swift-kanye-west-famous-leaked-phone-call-kanye-west-is-over-party>. Acesso em: 22/10/2020.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Cultura, Identidades e Diferenças**. 2008. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/623/415>. Acesso em: 12/09/2020.

HARVEY WEINSTEIN É condenado a 23 anos de prisão; entenda o caso em 7 questões. **BBC** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51553491>. Acesso em: 27/09/2020.

HELLER, Susanna. **Insider**. 2018. Disponível em: <https://www.insider.com/timeline-of-taylor-swifts-politics-2018-10#in-january-2017-the-singer-was-criticized-for-not-attending-the-womens-march-on-washington-6>. Acesso em: 27/10/2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão feminista**. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

INSTAGRAM. Disponível em: <https://www.instagram.com/taylorswift/>. Acesso em 17 out 2020.

JANE FONDA FALA sobre noite na prisão: 'Era apenas eu e as baratas'. **Folha**. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/11/jane-fonda-fala-sobre-noite-na-prisao-era-apenas-eu-e-as-baratas.shtml>. Acesso em: 18/09/2020.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada. 4. ed. **rev., ampl. e atual.** São Paulo: Summus. 2003.

LAURENT, Sylvie. Música Country: os acordes do novo conservadorismo norte-americano. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2012. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/musica-country-os-acordes-do-novo-conservadorismo-norte-americano/>. Acesso em: 13/10/2020.

LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia**. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LEWIS, Anna. **Cosmopolitan**. 2019. Disponível em: <https://www.cosmopolitan.com/uk/entertainment/news/a44667/taylor-swift-katy-perry-feud-timeline/>. Acesso em: 20/10/2020.

LILTI, Antoine. **The invention of celebrity**. Cambridge. Polity Press, 2017.

LIMA, Juliana Domingos de. Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21. **Nexo**. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21#section-27>. Acesso em 16/09/2020.

MARIAH, Moreno. **Black is King**: álbum visual de Beyoncé já é histórico. 2020. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/black-is-king-album-visual-de-beyonce-ja-e-historico/>

MARSHALL, P. D. **Celebrity and power**: fame in contemporary culture. 5. ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.

MATTA, João Osvaldo Schiavon. **Cultura da mídia e celebridades (midiáticas) do contemporâneo**: Madonna e Avril Lavigne. II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação – São Paulo, SP - 01 a 03 de abril de 2009.

MCDERMOTT, Maeve. **USA today** 2019. <https://www.usatoday.com/story/life/music/2019/06/21/how-taylor-swift-angered-everyone-you-need-calm-down/1512715001/>. Acesso em: 02/11/2020.

MCINTYRE, Hugh. **Forbes** 2020. https://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2020/08/07/taylor-swifts-new-no-1-album-outsold-the-rest-of-the-top-50-combined-and-then-some/?fbclid=IwAR3D2mQG3s3RYGt2wdIL07tZECcxbc9vBPaccAj_Qs8jiFYpMoeXSyzH7k&sh=69cb104f7944. Acesso em: 03/11/2020.

MISS Americana. Produção de Morgan Neville, Caitrin Rogers, Christine O'Malley. Realização de Netflix. Acesso em: 01/10/2020.

NESSMANN, Karl. Personal Branding and the Role of the Public Relations. In: Terlutter, Ralf/Diehl, Sandra/Okazaki, Shintaro: **Advances in Advertising Research. Cutting Edge International Research**, Gabler Verlag, Wiesbaden, 2010, p. 377-395. Disponível em: <http://wwwu.aau.at/knessman/download/branding.pdf>. Acesso em: 30/09/2020.

NINA SIMONE: a arte contra o racismo. **Geledés**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nina-simone-a-arte-contra-o-racismo/>. Acesso em 18/09/2020.

PESQUISA: 90% dos homens e mulheres têm visões negativas sobre as mulheres. **Exame**. Disponível em: <https://exame.com/mundo/pesquisa-90-dos-homens-e-mulheres-tem-visoes-negativas-sobre-as-mulheres/>. Acesso em: 16/09/2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Sociologia Política. Curitiba: v. 18, n. 36, p.15-23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 15/09/2020.

PRIMEIRA ENTREVISTA de Beyoncé pós-gravidez é falsa, diz porta-voz. **EGO**. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/01/primeira-entrevista-de-beyonce-pos-gravidez-e-falsa-diz-porta-voz.html>. Acesso em: 11/09/2020.

RECKZIEGEL, Cris. Especial: o histórico de Madonna e seu ativismo pela causa LGBT. **Revista Híbrida**. 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2019/06/14/especial-o-historico-de-madonna-e-seu-ativismo-pela-causa-lgbt/>. Acesso em: 18/09/2020.

REVISTA CONFIRMA namoro entre Taylor Swift e Jake Gyllenhaal. **UOL**. Disponível em:

<https://entretenimento.band.uol.com.br/aquinaband/noticias/100000374498/revista-confirma-namoro-entre-taylor-swift-e-jake-gyllenhaal>. Acesso em: 11/09/2020.

RICH, Katey. **Vanityfair**. 2017. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/style/2017/12/taylor-swift-time-person-of-the-year>. Acesso em: 27/10/2020.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Edição Única. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROSENBAUM, Claudia; BLACKMON, Michael. **Buzzfeed** 2018. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/claudiarosenbaum/taylor-swift-voter-registration-spike>. Acesso em: 27/10/2020.

ROSENZWEIG, Mathias. **V Magazine** 2020. Disponível em: <https://vmagazine.com/article/the-thought-leaders-issue-taylor-swift/>. Acesso em: 03/11/2020.

RYZIK, Melena. Taylor Swift Spoke Up. Sexual Assault Survivors Were Listening. **NYtimes**. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/08/15/arts/music/taylor-swift-sexual-assault.html>. Acesso em: 27/10/2020.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANDVOSS, Cornel. **Quando a estrutura e a agência se encontram**: os fãs e o poder. Tradução de Simone do Vale. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/download/36927/21502>. Acesso em: 11/09/2020.

SCHONTER, Alisson. 2019. Disponível em: <https://popculture.com/music/news/amas-2019-taylor-swift-pays-tribute-dixie-chicks-artist-of-the-decade-performance/>. Acesso em: 08/11/2020.

SCHWARZ, Hunter. Taylor Swift calls on fans to vote during AMA acceptance speech. **CNN**. 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/10/09/politics/taylor-swift-amas-awards-voting-elections-politics/index.html>. Acesso em: 27/10/2020.

SIMÕES, Paula. CELEBRIDADES NA SOCIEDADE MEDIATIZADA: em busca de uma abordagem relacional. **ECOPÓS**, v. 16, n. 1, p. 104-119, jan./abr. 2013. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1170. Acesso em: 05/09/2020.

SIMÕES, Roberto P. **Relações Públicas**: Função política. São Paulo: Summus, 1993.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minorias. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SWIFT, Taylor. **Taylor Swift - Live at the 2019 American Music Awards**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SVY8I46dkb0>. Acesso em: 08/11/2020.

SWIFT, Taylor. **Taylor Swift - The Man (Official Video)**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AqAJLh9wuZ0>. Acesso em: 31/10/2020.

SWIFT, Taylor. **Taylor Swift Accepts Woman of the Decade Award | Women In Music**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZVpkFb9-fts>. Acesso em: 03/11/2020.

SWIFT, Taylor. Taylor Swift - Bad Blood ft. Kendrick Lamar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcIy9NiNbmo&list=PL3Znj596d7sMMiOJtK5WCXQtcZVi8Uz-f&index=228>. Acesso em: 20/10/2020.

TAYLOR SWIFT APRENDEU o que é feminismo: "não entendia". **TERRA**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/comportamento/taylor-swift-aprendeu-o-que-e-feminismo-nao-entendia,e4743192bdd08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em 17/09/2020.

Taylor Swift Brasil. Disponível em: <https://taylorswift.com.br/biografia/>. Acesso em: 13/10/2020.

TAYLOR SWIFT BRASIL. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/taylorswiftbr>. Acesso em: 03/09/2020.

TAYLOR SWIFT BRASIL. Reputation. Disponível em: <http://reputation.taylorswift.com.br/prologo/>. Acesso em 27/10/2020.

TAYLOR SWIFT FAZ doação a entidade que ajuda vítimas de abuso sexual. 2017. **ESTADÃO**. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,taylor-swift-faz-doacao-a-entidade-que-ajuda-vitimas-de-abuso-sexual,70001940365>. Acesso em: 27/10/2020.

Taylor Swift for Marie Claire UK November 2012. 2012. **DESIGN SCENE**. Disponível em: <https://www.designscene.net/2012/10/taylor-swift-marie-claire-uk.html>. Acesso em: 13/10/2020

TAYLOR SWIFT SERÁ capa da Vogue UK, porém não fará entrevista. **A mais influente**. 2017. Disponível em: <https://www.amaisinfluyente.com.br/taylor-swift-sera-capa-da-vogue-uk-porem-nao-fara-entrevista/>. Acesso em: 27/10/2020.

TAYLOR SWIFT SEXUAL assault case: Why is it significant?. **BBC** 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-40937429>. Acesso em: 27/10/2020.

TAYLOR SWIFT TALKS Fame, Boys & Staying Grounded. **Access**. 2010. Disponível em: <https://www.accessonline.com/articles/taylor-swift-talks-fame-boys-staying-grounded-91794>. Acesso em: 13/10/2020.

TAYLOR SWIFT, ex de Joe Jonas, quer namorar com Nate, de 'Gossip Girl'. **EGO**. Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL936958-9798,00-TAYLOR+SWIFT+EX+DE+JOE+JONAS+QUER+NAMORAR+COM+NATE+DE+GOSSIP+GIRL.html>. Acesso em: 13/10/2020.

THE SILENCE BREAK. **Time**. Disponível em: <https://time.com/time-person-of-the-year-2017-silence-breakers/>. Acesso em: 27/10/2020.

THORBECKE, CATHERINE. Exclusive 1st look inside Taylor Swift's secret sessions for 'Reputation'. **ABC** Disponível em: <https://abcnews.go.com/Entertainment/exclusive-1st-inside-taylor-swifts-secret-sessions-reputation/story?id=50973344>. Acesso em 17 nov 2020.

TILCHEN, Jordyn. Taylor swift's fans have known her for 13 years — this is how she's kept growing with them. **MTV** 2019. Disponível em: <http://www.mtv.com/news/3127655/taylor-swift-evolution-of-swifties-relationship/>. Acesso em: 08/11/2020.

TUMBLR. 2019. Disponível em: <https://taylorswift.tumblr.com/post/185958366550/for-years-i-asked-pleaded-for-a-chance-to-own-my>. Acesso em: 31/10/2020.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/brennanphotoguy/status/755168504303812608>. Acesso em 23/10/2020.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/taylorswift13/>. Acesso em 02 nov 2020.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/usweekly/status/753257743310589952>. Acesso em: 13/10/2020.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/usweekly/status/773251961772732416>. Acesso em: 13/10/2020.

UM OCEANO feminista. **Azmina** Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/um-oceano-feminista/>. Acesso em: 15/09/2020.

UOL. 2019. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/22/10-anos-depois-revista-revela-bastidores-da-polemica-entre-kanye-west-e-taylor-swift-no-vma.htm>. Acesso em: 17/10/2020.

Vazamento de sex tape de Kim Kardashian completa 10 anos. **VOGUE**. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/gente/noticia/2017/03/vazamento-de-sex-tape-de-kim-kardashian-completa-10-anos.html>>. Acesso em 29/08/2020.

VICENTE, Alex. A era das feministas pop. **El País**. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/16/estilo/1416168482_772218.html. Acesso em 17/09/2020.

WEST, Kanny. Famous. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p7FCgwGIWc&t=460s>. Acesso em: 17/10/2020.

*Every time you call me crazy
I get more crazy
What about that?
And when you say I seem angry
I get more angry*

*And there's nothing
like a mad woman
What a shame she went mad
No one likes a mad woman*

*You made her like that
And you'll poke that bear
'til her claws come out
And you find something
to wrap your noose
around*

And there's nothing like a

MAD WOMAN

